



Maria Isabel Louro Pinto Fraústo

ASPETOS DA PRODUÇÃO ORAL DAS VOGAIS ORAIS DO PORTUGUÊS POR HISPANOFALANTES

Dissertação de Mestrado em Português Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Doutora Isabel Maria de Almeida Santos e co-orientada pela Doutora Maria Isabel Pires Pereira, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

ASPETOS DA PRODUÇÃO ORAL DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS POR HISPANOFALANTES

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	Aspetos da produção oral das do português por hispanofalantes
Autora	Maria Isabel Louro Pinto Fraústo
Orientadora	Isabel Maria de Almeida Santos
Coorientadora	Maria Isabel Pires Pereira
Júri	Presidente: Doutora Graça Maria de Oliveira Rio-Torto
	Vogais:
	1. Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins
	2. Doutora Maria Isabel Pires Pereira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda (PLELS)
Área científica	Línguas e Literaturas Estrangeiras
Especialidade/Ramo	Linguística Aplicada
Data da defesa	04-12-2017
Classificação	15 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Agradecimentos

Agradeço às Professoras Doutoradas Isabel Almeida Santos e Isabel Pereira, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela dedicação e orientação que me concederam ao longo da minha frequência no mestrado em PLELS, particularmente neste último ano, tão decisivo para o meu futuro pessoal e profissional.

Agradeço aos meus pais, Rosalinda Fraústo e António Fraústo, pelo apoio e pelo incentivo, não só ao longo desta jornada, como em todo o meu percurso pessoal e académico. É a eles a quem dedico a presente dissertação, com a promessa de que esta será apenas um ponto de partida para um futuro de novas conquistas, que servirão para compensar e agradecer toda a dedicação incansável.

Agradeço igualmente à minha irmã, Constança Fraústo, pela companhia, ajuda e amizade incondicional, nos bons e nos menos bons momentos, que se revelou essencial em todo o caminho que trilhei até alcançar esta meta.

Agradeço a todas as pessoas que conheci na Argélia e em El Salvador que, através das experiências que me proporcionaram, me instigaram o gosto pelo ensino, incentivando-me a traçar este percurso.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os amigos e conhecidos com quem tive o privilégio de me cruzar ao longo desta jornada, e que contribuíram positivamente para o meu sucesso.

A todos, um enorme Obrigada.

Resumo

A presente investigação tem como objetivo analisar o desenvolvimento do sistema fonológico vocálico por parte de aprendentes hispano-falantes de português língua não-materna (PL2). Para o efeito, foram analisadas produções orais de aprendentes tardios do português, inseridos em contexto instrucional, que frequentavam o *Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros*, o *Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros* e o curso de *Língua Portuguesa Erasmus*, lecionados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, combinando a sua aprendizagem formal com experiências de imersão/inserção. Estas produções orais foram extraídas do Corpus Oral de PL2, um projeto em desenvolvimento no âmbito do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC). Após uma fase de transcrição e análise dos vocábulos de interesse do nosso *corpus* oral, selecionaram-se aqueles que continham desvios fonéticos e fonológicos ao nível vocálico e procedeu-se à respetiva análise detalhada.

A primeira parte da dissertação é constituída por um breve enquadramento teórico, onde é realizada uma breve caracterização do vocalismo do português europeu e do espanhol peninsular. Após a formulação de algumas hipóteses e do seu esclarecimento, segue-se a segunda parte, onde são analisados os desvios, de acordo com alguns procedimentos estipulados previamente. Numa fase final, discutem-se os resultados obtidos, com o intuito de apresentar algumas considerações relevantes para o desenvolvimento de possíveis estratégias que permitirão colmatar a origem desses desvios.

Palavras-chave: desenvolvimento da fonologia de L2; produção oral; análise fonética; sistema vocálico; Corpus Oral de PL2

Abstract

The present research studies target and non-target vowels produced by late learners of European Portuguese (PL2) who are native speakers of Spanish. For this purpose, samples of oral speech were analyzed. Subjects attended the Annual Course of Portuguese Language and Culture for Foreigners, the Portuguese Language and Culture for Foreigners Course and the Erasmus Portuguese Language course, at the University of Coimbra, combining formal instruction with an immersion experience. The samples were extracted from the Oral Corpus of PL2, a project under development at the Center for the Study of General and Applied Linguistics (CELGA-ILTEC). Having selected the data obtained through a picture naming test and a reading test, words of interest were phonetically transcribed, and then divided into two groups: those that were convergent with the target language and those contained non target vowels.

The first part of the dissertation consists of a brief theoretical framework, based in an analysis of the vocalism of Standard European Portuguese and of Spanish Standard. In the second part the study's hypotheses, are presented and non-target vowels are analyzed, according to their stressed unstressed status. In the final part of this study, results are discussed, with the prospect of the development of strategies that may contribute to help learners overcome the difficulties identified.

Keywords: Acquisition/development of L2 phonology; Phonetic Analysis; Oral production; Vocal system; Oral Corpus of PL2

Lista de Siglas e Abreviaturas

AFI – Alfabeto Fonético Internacional

CELGA – Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

IL – Interlíngua

ILTEC – Instituto de Linguística Teórica e Computacional

L2 – Língua Segunda

LA – Língua Alvo

LM – Língua Materna

LNМ – Língua Não Materna

LP – Língua Portuguesa

NP – Nível de Proficiência

PL2 – Português Língua Segunda

PE – Português Europeu

PLE – Português Língua Estrangeira

QECRL – Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Perfil dos informantes	27
Gráfico 2 – Total de desvios, acertos e vocábulos não obtidos do corpus.....	32
Gráfico 3 – Ocorrências divergentes com e sem desvio nas vogais tônicas e átonas	33
Gráfico 4 – Acertos e desvios organizados consoante o NP dos informantes	33
Gráfico 5 – Desvios e acertos na vogal em posição tónica.....	35
Gráfico 6 – Divisão dos desvios nas vogais em posição tónica pelos	35
Gráfico 7 – Análise das ocorrências desviantes no segmento /e/	36
Gráfico 8 – Acertos e desvios na regra fonológica de recuo que recai sobre o segmento /e/ seguido da semivogal /j/	37
Gráfico 9 – Acertos e desvios na comutação do segmento /e/ por /ɛ/	37
Gráfico 10 – Ocorrências convergentes e divergentes no segmento /a/ em posição tónica.....	38
Gráfico 11 – Desvios e acertos na produção oral do segmento /ɔ/.....	38
Gráfico 12 - Ocorrências divergentes e convergentes no segmento /o/.....	39
Gráfico 13 – Desvios e acertos nas vogais átonas em posição pré-tónica	40
Gráfico 14 – Desvios e acertos em função do NP	40
Gráfico 15 – Aplicação das regras gerais nos segmentos átonos em posição pré-tónica.....	41
Gráfico 16 – Aplicação das regras gerais do vocalismo átono em posição pré-tónica por segmento fonético.....	42
Gráfico 17 – Segmento /e/ e /E/ em posição pré-tónica	43
Gráfico 18 – Segmento /e/, que realiza o som [a] em posição pré-tónica.....	43
Gráfico 19 – Desvios e acertos dos segmentos /o, ɔ/ em posição pré-tónica.....	44
Gráfico 20 – Desvios e acertos nas exceções à aplicação de regras de elevação e recuo.....	45
Gráfico 21 - Desvios e acertos na produção oral das vogais pós-tônicas não finais.....	46
Gráfico 22 – Tipo de desvios nas vogais átonas pós-tônicas não finais	46
Gráfico 23 - Desvios e acertos na produção oral das vogais átonas finais	47
Gráfico 24 – Desvios e acertos nas vogais átonas finais, por vogal	48
Gráfico 25 – Desvios e acertos das vogais átonas, em posição final e em função do NP.....	49
Gráfico 26 – Desvios na produção dos sons [u, ɐ, i] em posição átona final no nível B2	50
Gráfico 17 – Segmento /e/ e /E/ em posição pré-tónica	77
Gráfico 18 – Segmento /e/, que realiza o som [a] em posição pré-tónica.....	77
Gráfico 20 – Desvios e acertos nas exceções à aplicação de regras de elevação e recuo.....	77
Gráfico 21 - Desvios e acertos na produção oral das vogais pós-tônicas não finais.....	77
Gráfico 22 – Tipo de desvios nas vogais átonas pós-tônicas não finais	78

Lista de Quadros e Tabelas

Quadro 1 – Vogais orais do espanhol	
Quadro 2 – Vogais orais do PE	5
Quadro 3 – Pares de palavras com o mesmo radical fonológico.	9
Quadro 4 – Processo de elevação e recuo das vogais átonas do PE	10
Quadro 5 – Triângulo vocálico tónico e átono do espanhol padrão.....	12
Tabela 3 - Distribuição das vogais em posição tónica, pré-tónica, pós-tónica e final	7
Tabela 4 – Matriz fonológica das vogais, sem indicação dos traços e dos valores redundantes.....	9
Tabela 5 – Lista de vocábulos com vogais médias em posição tónica.	20
Tabela 6 – Lista de vocábulos com vogais baixas em posição átona	21

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Lista de Siglas e Abreviaturas	ix
Lista de Gráficos	xi
Lista de Quadros e Tabelas	xiii
Introdução	1
Capítulo I	5
Enquadramento teórico-descritivo	5
Descrição do vocalismo do português padrão e do espanhol peninsular.....	6
1.1. Português Europeu	7
1.2. O Espanhol peninsular	12
Capítulo II	15
Investigação empírica	15
2.1. Hipóteses.....	16
2.2. Os dados: O Corpus Oral de PL2.....	18
2.3. Metodologia: amostra e tratamento de dados.....	25
2.3.1. Caracterização dos informantes	25
2.2.2. Procedimentos.....	28
Capítulo III	28
Análise e discussão de resultados	28
3.1. Vogais em posição tónica	34
3.2. Vogais átonas	39
3.2.1. Vogais átonas em posição pré-tónica	39
3.2.2. Vogais átonas em posição pós-tónica	45
3.2.3. Vogais átonas em posição final.....	47
Considerações finais	51
Bibliografia	Error! Bookmark not defined.
Anexo I	57
Trancrições fonéticas das produções orais conseguidas, divididas por informantes	57
Anexo II	71
Tabelas com os valores dos resultados obtidos na análise	71

Introdução

A presente dissertação alicerça-se num trabalho de investigação que visa observar o grau de convergência com que são produzidas oralmente as vogais do português europeu por aprendentes adultos de português como língua não materna, mais concretamente, por falantes de língua castelhana. Tratando-se de duas línguas de grande similitude a vários níveis da estruturação linguística, mas com vincadas diferenças, por exemplo, no sistema vocálico, pareceu-nos interessante analisar como se desenvolve a competência fonológica dos aprendentes neste domínio específico.

A escolha deste tema foi, maioritariamente, motivada por uma experiência de ensino de PLNM em El Salvador, na *Universidad Jose Simeon Cañas* - UCA. Aqui, foi lecionado português nível A1 a hispanofalantes sem qualquer conhecimento da língua ou da cultura portuguesas, o que permitiu observar o comportamento destes aprendentes no primeiro contacto com a língua portuguesa e quais os maiores entraves ao desenvolvimento da sua competência linguística. Verificou-se que, de todas as competências linguísticas, a produção oral era, sem dúvida, a mais problemática. Importa ressaltar que, quando inicia o processo de aprendizagem de uma Língua Não Materna (LNM), o aprendente já é portador de um conhecimento intuitivo, a que chamamos Gramática Universal, resultado dos conhecimentos linguísticos da sua Língua Materna (LM), adquirida sem esforço e sem consciência das estruturas da língua. No decorrer da aprendizagem de uma LNM, o aprendente constrói um sistema linguístico intermédio – interlíngua IL - em direção à língua-alvo (LA) que, a nível estrutural, não corresponde nem à sua LM, nem à LA, ocorrendo uma reestruturação progressiva até atingirem, idealmente, um grau de convergência pleno. Assim, de uma observação superficial de que a produção oral dos hispanofalantes é, numa fase inicial - nível A1 - uma área crítica, tornou-se claro o desejo de estudar como se desenvolve a interlíngua dos aprendentes na competência oral.

Possuindo a língua espanhola um triângulo vocálico muito estável, que não sofre alterações, nem mesmo em posição final, partimos da hipótese inicial de que a produção das vogais do português seja uma categoria “resistente” durante o processo de desenvolvimento da fonologia de L2.

O principal objetivo desta investigação é o de perceber onde se localizam as maiores fragilidades dos aprendentes e, existindo essas dificuldades, como se desenvolvem em função

do seu nível de proficiência. Não descurando outras questões que possam ter surgido no decurso da nossa análise, este trabalho pretende responder às seguintes questões:

- i) verificam-se desvios na produção oral das vogais orais do português?;
- ii) que tipo de desvios são mais recorrentes na produção oral das vogais por parte dos hispanofalantes?;
- iii) verifica-se o fenómeno de *transferência* na produção oral das vogais e, se sim, existe tendência para a *fossilização*?

Para qualquer investigador, professor ou aspirante a tal, é fundamental a noção de que os desvios dos aprendentes são importantes e positivos para a aprendizagem. Os aprendentes estão a construir um conhecimento e os erros dão informação sobre o estágio de desenvolvimento da interlíngua (IL). Os desvios permitem ao docente saber as estruturas que os aprendentes ainda não dominam e as que se encontram em processo de aquisição.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram analisadas produções orais de aprendentes tardios do português, inseridos em contexto instrucional, que frequentavam o *Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros*, o *Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas para Estrangeiros* e o curso de *Língua Portuguesa Erasmus*, lecionados na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, combinando a sua aprendizagem formal com experiências de imersão/inserção. Estes textos orais, extraídas do Corpus Oral de PL2, um projeto em desenvolvimento no âmbito do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC), foram produzidos por hispano-falantes, oriundos maioritariamente de Espanha, mas também de países da América Latina, como Porto Rico ou Venezuela. Produções em formato de entrevista, delas se selecionaram as partes que permitiam uma análise relevante para o tema em estudo e realizaram-se as respetivas transcrições fonéticas, compondo assim um *corpus* de leitura acessível. Posteriormente, selecionaram-se os vocábulos que continham desvios ao nível da produção vocálica e procedeu-se à respetiva análise detalhada.

A presente *introdução* pretende apresentar, de forma sucinta, os objetivos deste trabalho. As páginas que se seguem encontram-se estruturadas em quatro grandes capítulos. No primeiro, de *enquadramento teórico*, são tecidas algumas considerações breves sobre o vocalismo do português europeu, e sobre o espanhol, norma peninsular.

No capítulo II, é explanada a metodologia que orienta a nossa *investigação empírica*. São levantadas as hipóteses que servem de base à análise, é descrito o Corpus Oral de PL2 e são definidos os procedimentos adotados na terceira e última parte do nosso trabalho, a *análise e discussão de resultados*.

A dissertação culmina no capítulo IV, onde são tecidas algumas considerações finais, resultantes da reflexão sobre os resultados obtidos no capítulo anterior, incluindo as limitações inerentes à natureza desta dissertação.

Capítulo I

Enquadramento teórico-descritivo

Descrição do vocalismo do português padrão e do espanhol peninsular

Cada língua do mundo utiliza um exclusivo conjunto de sons do “acervo universal” de material fonético existente, formando assim um sistema fonológico particular. Estes sistemas possuem, portanto, um grupo restrito de unidades fonológicas, que variam de língua para língua, bem como uma específica organização dessas unidades (Mateus, 2002, p. 2). Como é do conhecimento geral, o espanhol e o português são, num primeiro contacto, línguas aparentemente muito similares. Ambas são línguas românicas e partilham uma semelhança lexical muito abrangente. Contudo, apesar de existir uma substancial similitude entre estas duas línguas, os divergentes caminhos históricos que traçaram, legaram marcadas diferenças a vários níveis da estruturação linguística.

Uma dessas diferenças, relevante no contexto deste trabalho, diz respeito à produção das vogais que, como iremos verificar ao longo deste capítulo, manifesta divergências que motivaram a pergunta de investigação que está no cerne deste trabalho: constituirão as vogais um entrave ao desenvolvimento fonológico do PLE dos hispano-falantes?

Como podemos observar através da comparação entre as tabelas 1 e 2, o quadro vocálico do espanhol é muito simples e contém apenas cinco sons. O português europeu possui nove (que atualizam sete unidades fonológicas), um número substancialmente superior.

Português		
i	í	u
e		o
ɛ	ɐ	ɔ
	a	

Tabela 1 – Vogais Orais do Português

Espanhol	
i	u
e	o
	a

Tabela 2 – Vogais orais do espanhol peninsular

Fonte: (Mateus, 2002)

Dada a discrepância entre o número de vogais orais do espanhol e do português, é lícito colocar a hipótese de que, aquando da aprendizagem do PLE, os hispano-falantes apresentam dificuldades acrescidas na aquisição dos timbres vocálicos do português. O mesmo já não sucederá quando um português aprende o castelhano, na medida em que “*los hispanohablantes podemos, en efecto, ‘presumir’ de tener uno de los sistemas vocálicos más sencillos, simétricos y accesibles para el no nativo de entre todos los de las lenguas de cultura más cercanas a la nuestra*” (Fernández, 2007, p. 425). Dado que o enfoque da presente investigação se relaciona, em específico, com o sistema vocálico, iremos fazer uma apresentação sucinta de cada um deles, para sustentar as nossas perguntas de investigação.

1.1. Português Europeu

A tabela 3 apresenta-nos uma distribuição dos sons vocálicos acentuados (ou tónicos) e não acentuados (ou átonos), tendo em conta as variáveis posição e altura. Através da sua observação, conseguimos depreender que a posição tónica é a que regista um maior número de timbres, comparativamente com as posições pré-tónica, pós-tónica e final. Em posição átona o inventário reduz-se, consequência do desaparecimento das vogais baixas, mas surge um timbre que não ocorre em posição tónica, o [ɨ]. Por sua vez, as vogais átonas finais são as que apresentam um menor número de realizações, tendo em conta que, nesta posição, só encontramos três timbres: a vogal média [ɐ] e as vogais altas [i] e [u]¹.

	Tónicas	Pré- e Pós-tónicas não finais	Finais
altas	i u	i i u	i u
médias	e o	ɐ	ɐ
baixas	ɛ a ɔ		

Tabela 1 - Distribuição das vogais em posição tónica, pré-tónica, pós-tónica e final

Fonte: (Mateus, 2005, p. 172)

A análise da distribuição dos diferentes timbres vocálicos e do valor distintivo dos diferentes traços fonológicos mostram que no português existem sete segmentos fonológicos vocálicos, /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/. Em posição tónica, estes sete segmentos vocálicos realizam-se

¹ Não obstante serem casos raros, também é possível encontrar a vogal [i] em posição final, como por exemplo: *táxi* ou *júri*.

pelos fones [i, e, ε, a, ə, o, u]. O fone [ɐ], apesar de ocorrer em posição tónica, não consta do inventário fonológico nessa posição. A ocorrência de [ɐ] em posição tónica resulta da atuação de processos fonológicos que exigem condições contextuais precisas. A sua ocorrência é, portanto, previsível, razão pela qual não se lhe atribuiu o estatuto de segmento fonológico. Esse timbre vocálico surge, em posição tónica, em exemplos como:

(2) *Constatamos* - [cʌʃtɐ'tɐmuʃ]

Semana - [si'mɐnɐ]

(3) *Cerveja* - [sir'vejzɐ]; *Fecho* - ['fɛjʃu]; *Areia* - [ɐ'reiɐ]

Venho - ['vɛɲu]; *Telha* - [tɐ'λa]; *Leite* - [lɛjtɨ]

Nos exemplos constantes no grupo de palavras (2), verificamos que a vogal [ɐ] acentuada encontra-se sempre precedida de uma consoante nasal. Nestes casos, [ɐ] é resultado da aplicação de uma regra de elevação sobre /a/, quando este segmento vem seguido de consoante nasal heterossilábica. Podemos simplificar esta na seguinte fórmula (Mateus, 2005, p. 173):

$$(5) \left[\begin{array}{c} /a/ \\ +ac \end{array} \right] \rightarrow [ɐ] / \left[\begin{array}{c} [-] C \\ \text{nasal} \end{array} \right]$$

Através do grupo de palavras (3), conseguimos apurar que [ɐ] tónico resulta de uma regra de recuo sobre o segmento vocálico /e/, quando este se encontra em fronteira de sílaba e seguido de uma consoante palatal: [ɲ] [ʃ] [ʎ] e [ʒ]. Esta regra também se aplica nos casos em que o segmento vocálico /e/ se encontra antecedido de uma glide anterior (em posição tónica ou átona, neste caso).

Os sete segmentos vocálicos podem ser classificados com recurso a uma série de propriedades, de base articulatória, denominadas traços distintivos. Os traços alto ([alt]) e baixo ([bx]) são referentes à posição do corpo da língua, em relação à sua posição neutra ([+alt] indica que o corpo da língua se abaixa na parte dianteira ou posterior da boca, p. e. [a] é [+bx]); recuado ([rec]): [+recuado] indica uma retração da raiz da língua (que (p. ex. [u] é [+rec] visto que o corpo da língua se move horizontalmente, posicionando-se na parte posterior da boca); e, por fim, arredondado ([arr]) é referente ao arredondamento dos lábios que provoca um estreitamento da passagem do ar (p. ex. [o] é [+arr] na medida em que os lábios se projectam e

se arredondam). Esta classificação permite identificar quais as propriedades que são comuns aos segmentos e as que os distinguem. Atentemos na tabela 4, que nos apresenta uma matriz das vogais do português:

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
[alt]	+	-				-	+
[bx]		-	+	+	+	-	
[rec]	-	-	-	+			
[arr]				-	+	+	+

Tabela 2 – Matriz fonológica das vogais, sem indicação dos traços e dos valores redundantes.

Fonte: (Mateus, 2005, p. 197)

As propriedades comuns que a matriz fonológica facilmente nos permite identificar, permitem-nos identificar as classes naturais dos segmentos que, em certas circunstâncias, são alvo dos mesmos processos fonológicos, nomeadamente o processo de elevação e/ou recuo de vogais átonas. (Mateus, 2002, p. 7).

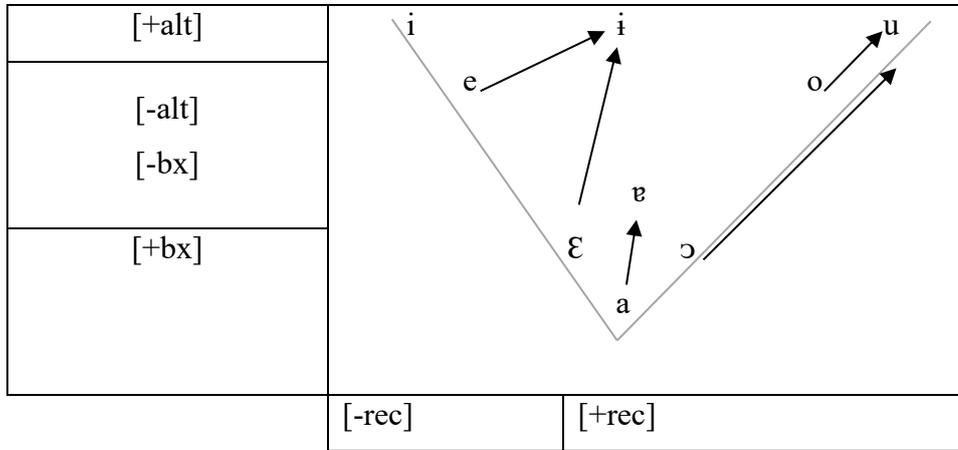
O conjunto de processos fonológicos que se incluem na designação de processos de vocalismo átono conduz a uma substancial redução das vogais não-acentuadas. Analisemos o quadro que a seguir se apresenta:

	Vogais tónicas		Vogais átonas		
/a/	Magro	[ˈmagru]	<i>Magreza</i>	[mɐˈgɾezɐ]	[ɔ]
/e/	Mesa	[ˈmezɐ]	<i>Mesinha</i>	[miˈziɲɐ]	[ɨ]
/ɛ/	Belo	[ˈbɛlu]	<i>Belinho</i>	[biˈliɲu]	[ɨ]
/o/	Fogo	[ˈfogu]	<i>Fogareiro</i>	[fugɐˈɾɛjɾu]	[u]
/ɔ/	Forte	[ˈfɔrti]	<i>Fortificado</i>	[furtifiˈkadu]	[u]
/i/	Vivo	[ˈvivu]	<i>Vivaço</i>	[viˈvasu]	[ɨ]
/u/	Puro	[ˈpuru]	<i>Pureza</i>	[puˈrezɐ]	[u]

Quadro 1 – Pares de palavras com o mesmo radical

No quadro 3, encontramos sete pares de palavras com o mesmo radical morfológico e cuja vogal se pode realizar como tónica (destacada a negrito) ou átona (marcada a cinza). Ao

analisarmos as respetivas transcrições fonéticas, concluímos que, às sete vogais fonológicas suprarreferidas, correspondem apenas quatro timbres vocálicos [ɐ, i, u, i], tendo sido neutralizadas as distinções entre /e, ɛ/ e /o, ɔ, u/.



Quadro 2 – Processos de elevação e recuo das vogais átonas do PE; Fonte: (Mateus, 2005, p. 220)

As vogais /i/ e /u/, vogais altas, não sofrem qualquer tipo de alteração. Já o /a/ realiza-se foneticamente como [ɐ], sofrendo um processo de elevação (transforma-se em [-bx]). As vogais /e/ e /ɛ/, [-alt, -rec], realizam-se foneticamente como [i], [+alt, +rec], sofrendo um processo de elevação e de recuo. Por último, /o/ e /ɔ/ elevam-se, realizando-se como [u], [+alt]. No quadro 7 encontramos formalizadas as regras que atuam sobre estes segmentos átonos.

Regras Fonológicas: elevação		Regras fonológicas: elevação e recuo
$\begin{matrix} [+rec] \\ -arred \\ +bx \end{matrix} \Rightarrow \begin{matrix} [-bx] \\ -ac \end{matrix} / \begin{matrix} - \\ -ac \end{matrix}$ $\downarrow \quad \downarrow$ $/a/ \quad [ɐ]$	$\begin{matrix} +arred \\ -alt \end{matrix} \Rightarrow \begin{matrix} +alt \\ -ac \end{matrix} / \begin{matrix} - \\ -ac \end{matrix}$ $\downarrow \quad \downarrow$ $/o, ɔ/ \quad [u]$	$\begin{matrix} -rec \\ -alt \end{matrix} \Rightarrow \begin{matrix} +rec \\ +alt \end{matrix} / \begin{matrix} - \\ -ac \end{matrix}$ $\downarrow \quad \downarrow$ $/e, ɛ/ \quad [i]$

Quadro 7 – Regras fonológicas do vocalismo átono.

O processo de redução das vogais conduz, frequentemente, ao seu apagamento. As vogais em posição final são as que se encontram mais vulneráveis a este processo fonológico, particularmente a vogal [i], podendo ocorrer a sua supressão, em certos casos de fala coloquial, como, por exemplo, em *bate* → [ˈbat].

Como a elevação do /a/ em posição átona resulta na vogal média [ɐ], isso faz com que esta vogal tenha uma maior resistência à supressão. Contudo, quando se encontra em posição final, tal como [i] e [u], e se encontra com uma vogal átona no vocábulo seguinte, dá-se uma simplificação das duas sílabas e consequente supressão da átona final, como por exemplo: *menina astuta* → [miˈninˈɐʃˈtutɐ].

Por sua vez, o /i/ também pode sofrer uma supressão, em posição inicial, caso lhe suceda um [ʒ] ou um [ʃ], como por exemplo: *estava* → [ʃˈtavɐ].

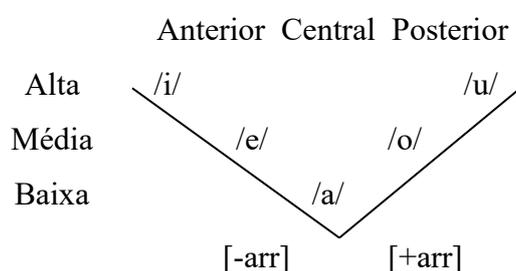
Não obstante a regularidade com que, em PE, ocorrem estes o processo de vocalismo átono, em determinados contextos, algumas vogais são imunes à aplicação destas regras fonológicas. Estes casos são chamados exceções regulares. Por sua vez, existem também irregularidades totais, sobre as quais falaremos mais à frente.

- | | |
|---|--|
| (6) <i>Mal</i> [ˈmaɫ] / <i>Maldade</i> [maɫˈdadɨ] | (7) <i>Caixa</i> [ˈkaixa] / <i>Caixote</i> [kajˈxotɨ] |
| <i>Alto</i> [ˈaltu] / <i>Altura</i> [aɫˈtura] | <i>Pauta</i> [ˈpawtɔ] / <i>Pautado</i> [pawˈtadu] |
| (8) <i>Olfato</i> [oɫˈfatu] | (9) <i>Bola</i> [ˈbɔɫɔ] / <i>Bolazinha</i> [bɔɫɔˈzɨɲɔ] |
| <i>Ermida</i> [erˈmidɐ] | <i>Café</i> [kɐˈfɛ] / <i>cafezito</i> [kɐfɛˈzitu] |
| <i>Olhar</i> [ɔˈkaɾ] | |

Apesar de de estarem em posição átona, as vogais pré-tónicas destes exemplos não sofrem alterações. Este comportamento excecional verifica-se: i) quando a sílaba termina em /l/ (foneticamente [ɫ]); ii) quando a vogal integra um ditongo decrescente, como nos exemplos em (7); iii) nas bases das formas resultantes de z-derivação e de sufixação com –mente, como exemplificado em (9); bem como nas palavras em que as vogais fonológicas /e, ɛ, o, ɔ/ ocorrem em contexto inicial de palavra, como se observa em (8). Por último, existem ainda outras exceções, marcadas nos itens lexicais em que se registam, como por exemplo: *mestrado* ([mɛʃˈtradu]) ou *invasor* ([ɪvaˈzor]). Uma vez que se trata de um grupo de palavras de carácter excecional, são casos que têm que ser memorizados.

1.2. O Espanhol peninsular

O espanho possui apenas cinco fonemas vocálicos, /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/, cujo estatuto fonológico pode ser comprovado através de pares mínimos – p[i]so/p[e]so/p[a]so/p[o]so/p[u]so. Alguns estudos referem a existência de algumas variantes fonéticas dos cinco sons vocálicos fundamentais, resultantes de variações dialetais e/ou alterações motivadas pelo ambiente fonético circundante. Contudo, estes sons não possuem valor fonológico significativo, traduzindo-se, por exemplo, num maior fechamento das vogais aquando da sua pronúncia (Iribarren, 2009, p. 129).



Quadro 3 – Triângulo vocálico tónico e átono do espanhol padrão. Fonte: (Hualde, 2005, p. 121)

No espanhol, em posição átona, mantém-se o mesmo quadro vocálico, pois não existe elevação vocálica, nem mesmo em posição final (Fernández, 2007, p. 427). No quadro 9 apresentamos alguns exemplos, através dos quais podemos verificar que o timbre vocálico das cinco vogais espanholas se mantém constante, tanto em contextos tónicos, como átonos.

Vogais tónicas			Vogais átonas		
/a/	<i>Casa</i>	[ˈkasa]	<i>Mapa</i>	[ˈmapa]	[a]
/e/	<i>Dedo</i>	[ˈdeðo]	<i>Mesita</i>	[meˈsita]	[e]
/o/	<i>Oso</i>	[ˈoso]	<i>Plato</i>	[ˈplato]	[o]
/i/	<i>Pico</i>	[ˈpiko]	<i>Útil</i>	[uˈtil]	[i]
/u/	<i>Uva</i>	[ˈuba]	<i>Pureza</i>	[puˈresa]	[u]

Quadro 9 – As vogais tónicas e átonas do espanhol padrão.

Esta estabilidade no timbre das vogais, sejam elas tónicas ou átonas, é resultado do alto grau de tensão articulatória, aquando da sua pronúncia. Não havendo qualquer tipo de relaxamento dos músculos articulatórios, a tensão mantém-se constante desde o início até ao fim da

realização do som vocálico, terminando de uma forma brusca, isto é, com um cessar repentino da vibração das cordas vocais (Iribarren, 2009, pp. 136-140). Esta emissão resulta em vogais curtas, todas com idêntica duração, independentemente de serem tónicas ou átonas.

Concluindo, podemos então constatar as grandes diferenças entre os sistemas vocálico analisados. O espanhol peninsular, pautado pela referida simplicidade, pode, num primeiro contacto, tornar-se um entrave quando aprendentes hispanofalantes se deparam com a grande diversidade de timbres do português. Não existindo mais considerações relevantes a referir nesta descrição do sistema vocálico do espanhol, resta-nos agora perceber como se processa o desenvolvimento na produção oral do nicho integrante na nossa amostra.

Capítulo II

Investigação empírica

Findo o *Enquadramento teórico* da presente dissertação, iniciamos agora uma vertente mais prática, que pretende responder às perguntas que serviram de base na escolha desta investigação. Estas questões partem de algumas hipóteses e, para uma melhor compreensão dos procedimentos a adotar, pensamos ser necessário apresentá-las cuidadosamente.

Neste sentido, neste capítulo iremos, numa primeira parte, explicar as *Hipóteses* que subjazem à nossa futura *Análise e discussão de resultados*, e, posteriormente, apresentar a *Metodologia* a adotar, bem como a *Caracterização dos informantes* que compõem a nossa amostra.

2.1. Hipóteses

As hipóteses que colocamos neste trabalho organizam-se em torno de três questões – i) a relação entre a língua materna (LM), o nível de proficiência dos aprendentes (NP) e a competência fonológica em L2; ii) a relação entre o sistema fonológico do português e a respetiva ortografia; iii) os aspetos que caracterizam os fonemas vocálicos orais do português, bem como os processos fonológicos que sobre eles atuam.

Elaboradas as descrições dos sistemas vocálicos do português e do espanhol, e comprovadas as diferenças entre as duas línguas, a primeira grande hipótese a equacionar é a de que, de facto, os hispano-falantes apresentam uma dificuldade acrescida na produção das vogais do português.

Hipótese 1

Os hispanofalantes possuem dificuldades na produção oral das vogais orais do português.

Contudo, presumimos que ao longo da progressão na aprendizagem, se registem melhorias no que toca à competência fonológica dos aprendentes..

Hipótese 2

As dificuldades na produção oral das vogais orais diminuem ao longo da progressão de nível de proficiência.

Uma das causas que presumimos que esteja na base das dificuldades dos nossos informantes poderá ser a relação assimétrica entre realizações fonéticas e representações gráficas das vogais do português. No que concerne ao grau de transparência e de regularidade das relações entre fonema e grafema, Seymour coloca a grafia do espanhol (em conjunto com a do finlandês e do italiano), no topo da sua escala, como mais transparente e menos complexa do que a das restantes línguas analisadas. encontrando-se o português mais abaixo na escala de transparência (Seymour, 1997). As distinções de timbre entre algumas vogais do português não têm correspondência na escrita, existindo cinco vogais gráficas para representar sete vogais fonológicas que se realizam em nove sons [i, í, u, e, o, É, v, o, a]. O espanhol, por seu turno, contém apenas cinco vogais fonológicas /a, e, í, o, u/, representadas por cinco vogais gráficas. Assim, acostumados a um sistema vocálico simples, pautado por relações estritamente biunívocas entre fonema-grafema, assumimos que os hispanofalantes podem sentir dificuldades nas distinções de timbre entre algumas vogais do português. Formalizemos assim a nossa terceira hipótese:

Hipótese 3

Os hispanofalantes têm tendência a basear as suas opções fónicas nos modelos gráficos a que estão expostos, tendo dificuldades na distinção do estatuto fonológico dos vários sons do português.

Creemos que em sílaba tónica os nossos informantes sintam mais facilidades do que em sílaba átona. Com os seus hábitos articulatorios próprios e um triângulo vocálico muito estável, que não sofre alterações, nem mesmo em posição final, os hispanofalantes terão tendência a sentir dificuldades na aquisição dos processos fonológicos de redução e elevação vocálica.

Hipótese 4

Os hispano-falantes têm dificuldades na aplicação das regras fonológicas de elevação e recuo do vocalismo tónico e átono, em especial neste último.

Por último, ressaltamos o último aspeto supramencionado – o tipo de informantes que constitui a nossa amostra. Como já foi referido anteriormente, a nossa amostra será integralmente composta por falantes de língua espanhola. Dada a aparente proximidade entre

as duas línguas, podemos prever que, uma parte relevante das ocorrências divergentes que possam surgir se deverá a fenômenos de transferência negativa.

Hipótese 5

Na produção oral do sistema vocálico do português por hispano falantes, estão latentes fenômenos de *transferência*.

Será com base nestas cinco hipóteses que iremos proceder à análise e discussão de resultados; assim as confirmaremos ou infirmaremos.

2.2. Os dados: O Corpus Oral de PL2.

Como base empírica deste trabalho, utilizámos dados orais recolhidos num conjunto de entrevistas realizadas a aprendentes adultos de PL2 e que integram o acervo do Corpus Oral de PL2, projeto em desenvolvimento no âmbito do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) da FLUC.

As entrevistas que constituem o Corpus Oral de PL2 apresentam uma média de 28.35 minutos e têm como base um Protocolo que orienta essa recolha (Santos, Isabel Almeida; Pereira, Isabel; Martins, Cristina; Lopes, Ana Cristina Macário; Carapinha, Conceição; Silva, Antonino). Num primeiro momento, os informantes fornecem uma série de informações de carácter curricular, biográfico e sociolinguístico e assinam uma declaração de consentimento informado. Essas informações ficam registadas em formato escrito e são fundamentais para posteriormente avaliar a ocorrência de fenômenos linguísticos como a transferência. Sempre com uma idêntica configuração, para garantir a comparabilidade dos dados, o questionário apresenta uma estrutura tripartida, exigindo, no decurso do mesmo, um grau crescente de atenção e concentração na situação comunicativa. A primeira e segunda partes fornecem-nos dados de produção oral, através de uma série de diferentes tarefas: entrevista semiestruturada; eliciação de atos ilocutórios; construção de um texto narrativo a partir de uma sequência de imagens e, por último, nomeação de figuras a partir um suporte pictórico. Por sua vez, a terceira parte contém dois exercícios de leitura oral: leitura de um texto e leitura de lista de palavras.

Uma vez que a presente investigação tem como objetivo específico a análise de um aspeto da aquisição e desenvolvimento de fonologia de L2 numa situação precisa (a produção de vogais do português por aprendentes de LM espanhola), restringiremos a nossa análise aos resultados obtidos em três exercícios do questionário: nomeação de figuras a partir de um suporte pictórico e leitura de duas listas de palavras, as tarefas quatro, seis e sete do , respetivamente. O motivo da escolha dos três exercícios referidos foi, essencialmente, por serem estes os únicos a garantir a realização dos mesmos vocábulos por parte de todos os informantes. Visto que pretendemos observar o grau de convergência e divergência com que os nossos informantes produzem as vogais, bem como a sua progressão nos diferentes níveis, é necessário que tenhamos acesso a uma base de dados uniforme, que permita a comparabilidade dos resultados.

No primeiro caso, pretende-se obter um conjunto pré-definido de vocábulos - *cabeleireiro; cabelo, louro, mãe, pão, padeiro, roupa, nuvem, leão, selvagem, leite, cadeira, jogo, jogador, fado, fadista; sozinho; aquecedor/aquecer*.

Por seu turno, a primeira lista de palavras é constituída por vinte e quatro vocábulos onde constam dez pares de formas simples e respetivas formas sufixadas - *cedo/cedinho, fácil/facilmente, belo/beleza, casa/casinha, forte/fortíssimo, avô/avozinho, café/cafezinho, alto/altura, fogo/fogão, só/somente* -, e quatro exceções lexicais à regra de elevação vocálica do PE: *hospital, diretor, padeiro, corar*. Esta tarefa pretende avaliar o domínio das regras de colocação do acento e do mecanismo de elevação do vocalismo em posição átona, bem como o conhecimento das exceções regulares ou marcadas.

No último exercício, que na prática é semelhante ao anterior, o informante é confrontado com quarenta e nove vocábulos que permitem a constituição de diferentes pares mínimos: *Sara, gola, fado, dúvida, dose, penso, tarde, bomba, vaca, mesas, cabaz, julho, dívida, calções, (o) peso, (as) metas, pomba, jato, tarte, fato, canções, faca, terra, carro, estafa, cola, velha, mar, vaga, sonho, doce, queijo, bela, rua, sala, tela, alma, mal, chato, capaz, caro, junho, sonho, vela, doze, queijo, doce, lua, arma, estava*. Definidas as estruturas a testar, julgamos que este vocabulário será suficiente para analisar o nível do conhecimento dos aprendentes respeitante à distintividade de alguns traços em português.

Apesar de o léxico envolvido nestes estímulos ser circunscrito, a sua natureza fonológica e morfológica permite-nos avaliar o comportamento dos aprendentes relativamente a uma série vasta de estruturas linguísticas. Assim, iremos proceder à apresentação dos vocábulos que irão constituir o nosso objeto de estudo, seguidas da respetiva realização alvo correspondente à variedade europeia padrão.

Tarefa 4 – Identifique as realidades (seres, objetos, entidades, etc.) que vê na imagem.

imag em	Vocábulo	Realização alvo
1	cabeleireiro	[kəbɪlɐj'ɾɛjɾu]
	cabelo	[kə'belu]
	louro	[ˈloɾu]/[ˈlojɾu]
2	mãe	[ˈmɛj]
3	pão	[ˌpɛw]
	padeiro	[pa'dejɾu]
4	roupa	[ˈɾopɐ]
5	nuvem	[ˈnuvɛj]
6	leão	[lɐj'ɛw]
	selvagem	[sɛɫ'vazɛj]
7	leite	[ˈlɛj'ti]
8	cadeira	[kɐ'dɛjɾɐ]
9	jogo	[ˈʒogu]
9a	jogador	[ʒugɐ'doɾ]
10	fado	[ˈfadu]
	fadista	[fɐ'diʃtɐ]
11	sozinho	[so'ziɲu]
12	aquecedor	[ɐkɛsi'doɾ]
12a	aquecer	[ɐkɛ'sɛɾ]

Tabela 3 – Léxico pretendido na tarefa 4

Tarefa 6.1. – Leia as listas de palavras A e B.

Colu na	Vocábulo	Transcrição fonética PE
A	cedinho	[si'diɲu]

	casa	[ˈkazɐ]
	fogão	[fuˈgəw]
	belo	[ˈbɛlu]
	cedo	[ˈsedu]
	forte	[ˈforti]
	somente	[sɔˈmɛti]
	fogo	[ˈfogu]
	beleza	[biˈlezɐ]
	fácil	[ˈfasiɫ]
	alto	[ˈaltu]
	café	[kɐˈfɛ]
B	facilmente	[fasiɫˈmɛti]
	só	[ˈsɔ]
	hospital	[ɔʃpiˈtaɫ]
	casinha	[kɐˈziɲɐ]
	avô	[ɐˈvo]
	diretor	[dirɛˈtor]
	cafezinho	[kɐfɛˈziɲu]
	fortíssimo	[furˈtisiɲu]
	padeiro	[paˈdɛiru]
	altura	[aɫˈtura]
	corar	[koˈrar]
	avozinho	[ɐvoˈziɲu]

Tabela 4 – Léxico pretendido na tarefa 6

Tarefa 6.2. – Leia as listas de palavras C e D.

	Vocábulo	Transcrição fonética PE
C	Sara	[ˈsara]
	gola	[ˈgɔla]
	fado	[ˈfadu]
	dúvida	[ˈduvida]
	dose	[ˈdɔzi]
	penso	[ˈpɛsu]
	tarde	[ˈtardi]
	bomba	[ˈbɔbɐ]
	vaca	[ˈvaka]
	mesas	[ˈmezɐʃ]
	capaz	[ˈkapaʃ]
	julho	[ˈʒulu]
	dívida	[ˈdivida]
	calções	[ˈkalsujʃ]
	(o) peso	[ˌu, ˈpezu]
	(as) metas	[ˌɐʃ, ˈmɛtɐʃ]
	pomba	[ˈpɔbɐ]
	jato	[ˈzatu]
	tarte	[ˈtarti]
	fato	[ˈfatu]
	canções	[kɐ˜ˈsujʃ]
	faca	[ˈfaka]
	terra	[ˈtɛrɐ]

	carro	[ˈkaɾu]
	estafa	[iʃˈtafə]
D	cola	[ˈkɔlə]
	velha	[ˈvɛlə]
	mar	[ˈmaɾ]
	vaga	[ˈvagə]
	sonho	[ˈsoɲu]
	doce	[ˈdoʃi]
	queixo	[ˈkɛjʃu]
	bela	[ˈbɛlə]
	rua	[ˈɾua]
	sala	[ˈsalə]
	tela	[ˈtɛlə]
	alma	[ˈalmə]
	mal	[ˈmaɫ]
	chato	[ˈʃatu]
	capaz	[kɐˈpaʃ]
	caro	[ˈkaɾu]
	junho	[ˈʒuɲu]
	sono	[ˈsonu]
	vela	[ˈvɛlə]
	doze	[ˈdoʃi]
	queijo	[ˈkɛizʊ]
	lua	[ˈlua]
	arma	[ˈarmə]
	estava	[iʃˈtavə]

Tabela 5 – Léxico pretendido na tarefa 7

2.3. Metodologia: amostra e tratamento de dados

2.3.1. Caracterização dos informantes

Dos setenta informantes que constituíam, na altura da nossa pesquisa, o Corpus Oral de PL2, seleccionámos doze sujeitos de LM espanhola que, voluntariamente, cederam os dados que servirão como a nossa base empírica. As informações relativas ao perfil de cada um dos sujeitos, de carácter curricular, biográfico e sociolinguístico, foram fornecidas pelos próprios, no momento em que respondiam ao inquérito inicial. Este grupo heterógeneo de informantes, que difere não só em aspetos como a idade, o NP e o ano de início do seu percurso formativo, apresenta um percurso individual e objetivos diferentes, no que respeita à aquisição/aprendizagem de PL2.

A nossa amostra é composta por doze informantes com NP variável, como podemos verificar no gráfico 1, garantindo assim a possibilidade de análise da progressão dos aprendentes na construção dos seus sistemas interlinguísticos. Como temos apenas um informante de nível A1, optámos por analisar em conjunto os dados relativos aos níveis A1 e A2. A grande escassez de informantes de nível A1 deve-se à semelhança entre as duas línguas, que faz com que os alunos de LM espanhola não optem por um nível que consideram “demasiado básico”. Assim, 33% da nossa mostra é do nível A (A1+A2), 33% do nível B1 e, por último, 33% do nível B2.

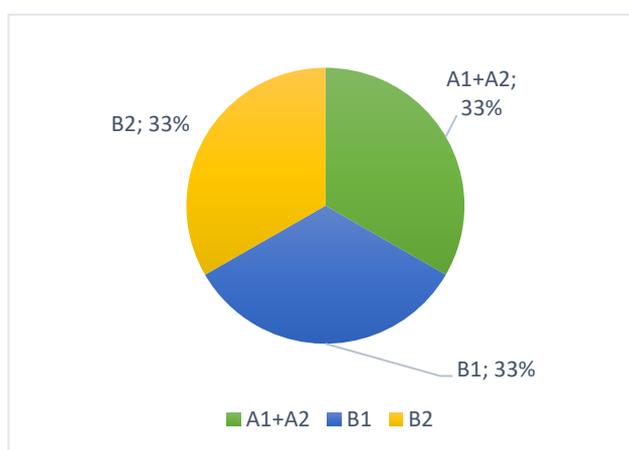


Gráfico 1 – Distribuição dos informantes por NP

Tal como acontece com a grande maioria de aprendentes de uma língua estrangeira, o NP de um aprendente nem sempre é indicativo do real nível de progressão linguística em que o

aprendente se encontra e, mais ainda, não nos indica que essa proficiência seja uniforme em todas as competências linguísticas. Sobre este assunto, Cristina Martins refere que:

“A forma como se distribuem os alunos pelos distintos níveis/turmas nem sempre reflecte de modo fiel os efectivos níveis de progressão linguística. Numerosos factores, alheios à organização dos cursos, contribuem para tal circunstância, que se faz sentir, mais particularmente, nas unidades curriculares de Língua Portuguesa Erasmus. Neste sentido, pode ser útil complementar as informações relativas ao nível/turma com os resultados da auto-avaliação” (Martins, 2011)

Com base nos dados autoavaliativos fornecidos pelos sujeitos, verificámos que a grande maioria da nossa amostra considera apresentar uma proficiência na compreensão do escrito e do oral mais desenvolvida do que na produção oral e escrita. A título de exemplo, o caso em que esta constatação mais se destaca é no informante número 42, que apresenta um nível B1 de PL2, contudo, se analisarmos cada competência individualmente, verificamos que a sua compreensão oral é de nível C1. Ao nível da produção oral, o domínio que aqui nos interessa, a proficiência de cada um deles é, na sua grande maioria, igual à do NP geral, tendo-se apenas registado um caso, em que é um nível inferior. Assim, não nos pareceu viável proceder a ajustes na distribuição dos informantes por NP.

Tal como referido anteriormente, os informantes reúnem uma série de características que os diferenciam entre si, tendo como denominador comum a sua LM: a língua espanhola. A amostra é composta por doze aprendentes tardios do português, um deles a frequentar uma unidade curricular de língua portuguesa (LP) para *Erasmus* e os restantes onze o *Curso Anual* ou o *Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros*. Todos eles se encontram, portanto, inseridos em contexto instrucional, combinando a sua aprendizagem formal com experiências de imersão/inserção. O ano em que iniciaram o estudo de PL2 é variável, tendo sido, no máximo, dois anos antes do momento da recolha dos dados. Este aspeto permite verificar que se trata de um grupo de aprendentes tardios do português e é bastante relevante na medida em que este trabalho visa, sobretudo, verificar o grau de convergência na produção oral das vogais, por aprendentes que iniciaram o processo de aprendizagem do sistema fonológico vocálico numa fase tardia do seu desenvolvimento.

Contabilizando um total de 67% de informantes do sexo feminino e 33% do sexo masculino, a idade dos sujeitos varia entre os vinte e os cinquenta e nove anos de idade, no momento da recolha dos dados.

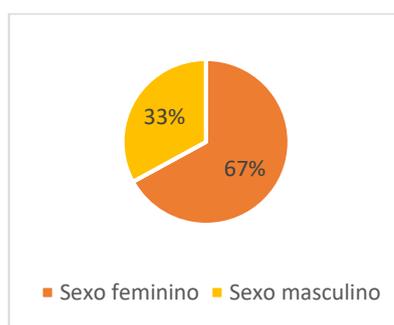


Gráfico 1 – Perfil dos informantes

Não obstante a LM ser a mesma, as nacionalidades dos informantes são diversificadas: americana, espanhola, venezuelana e mexicana, com informantes oriundos de Porto Rico, Espanha, Venezuela e México. Para além do português, todos os sujeitos estudaram outras línguas, sendo o inglês a mais frequente. Para além desta, outras LNM surgem, como o italiano, chinês, francês, hebraico, grego, alemão e romeno. Ainda no que concerne às LNMs, apenas um informante tem um NP mais elevado em português, sendo que os restantes consideram o inglês como a língua não materna em que são mais proficientes. As motivações que levaram os nossos informantes a virem para Portugal e estudar a língua portuguesa são variadas, sendo o de gosto pessoal a mais recorrente. Fora do contexto escolar, a grande maioria recorre ao português em conversas informais com amigos e colegas, sejam eles nativos ou não nativos. Outros utilizam esse idioma em situações do quotidiano, como nas idas ao comércio local, e por último, apesar de menos frequente, alguns apenas têm contacto com a língua através da leitura e dos *media*.

Concluindo, importa ressaltar outro aspeto importante no perfil dos informantes, que consiste na presença de contacto dos sujeitos com português norma brasileira. No seu questionário, alguns informantes (essencialmente, os sujeitos oriundos de Porto Rico) referem que aprenderam português na variedade brasileira, ao invés da europeia. Para além disso, muitos deles mantêm contacto com alguns amigos do Brasil. Não nos parece que esta consideração seja uma limitação para o nosso estudo e julgamos que não influenciará os dados, na medida em que a amostra se encontra inserida em contexto instrucional onde é lecionado e praticado português europeu. Contudo, ao longo da análise dos dados, este aspeto será tido em consideração e, caso seja pertinente, entrará na discussão de eventuais ocorrências divergentes.

2.2.2. Procedimentos

A nossa investigação debruçar-se-á sobre a análise das produções orais resultantes da leitura das listas de palavras apresentadas anteriormente, na secção 2.2., e da nomeação de figuras a partir de um suporte pictórico.

Como já foi referido anteriormente, dois dos três exercícios sobre os quais se debruça esta análise são leituras de listas de palavras. Sobre este aspeto, importa ressaltar que os aprendentes de qualquer Língua Não Materna (LNM) apresentam um melhor desempenho quando pronunciam as palavras isoladamente do que quando as realizam num discurso livre e/ou em interação oral. Para além disso, uma das limitações desta investigação consiste na análise que será efetuada por um ouvido só, ou seja, não iremos recorrer a programas de tratamento acústico de dados. Não descurando que poderá existir uma margem de erro, os dados foram analisados mais do que uma vez, com o intuito de não afetar a validade de toda a nossa investigação.

Os dados serão analisados com recurso a categorias e serve este subcapítulo para explicitar como os vamos organizar.

Numa fase inicial, considerámos todos os noventa e um vocábulos dos três exercícios do nosso corpus, o que perfaz um total de mil e noventa e duas produções orais. Assim, cada informante produziu 91 palavras. Inicialmente, para uma análise de dados mais acessível, efetuámos as transcrições fonéticas das produções orais de cada um dos informantes e comparámos com a realização alvo, segundo a norma portuguesa padrão. Estas transcrições foram organizadas e reunidas, podendo ser consultadas nos anexos². Posteriormente, selecionaram-se as palavras que apresentam desvios e desconsideraram-se as que não apresentam qualquer ocorrência desviante ao nível vocálico. Realçamos que questões que não estejam intimamente ligadas com o nosso objeto de estudo, não serão desenvolvidas, mais concretamente, os aspetos relacionados com o consonantismo e nasalidade.

Verificámos que a primeira tarefa, em que o entrevistador conduzia os informantes até à obtenção das palavras pretendidas, resultou em algumas lacunas nas produções orais. Referimo-nos à ausência de 29 palavras que, por desconhecimento dos informantes, não foram realizadas. Contudo, estas lacunas registaram apenas uma percentagem de 0,03%, não afetando assim a qualidade da nossa análise.

² Apesar de raros, surgem casos em que nas transcrições fonéticas surge um ponto de interrogação, como é o caso de *sozinho* - [sɔ(?)ɲu] (T4, informante 48). Optou-se por essa estratégia, quando a sílaba é impercetível.

Numa primeira parte, o foco serão as vogais em posição tónica, dividindo a nossa análise nos sete fonemas vocálicos orais do português. Isto permitirá que observemos o comportamento dos informantes diante de cada um dos segmentos vocálicos nesta posição, verificando qual o grau de convergência com que os produzem. Sempre que necessário, e se verificarmos que existe mais de um erro em cada um dos segmentos, iremos aprofundar a análise em cada um dos segmentos.

Posteriormente à nossa análise das vogais orais tónicas, estudámos o que motiva os desvios das vogais átonas em posição pré e pós-tónica e em posição final. Em cada uma das posições, o número total de palavras é diferente, visto que nem todas as palavras do nosso corpus contêm vogais em posição pré e pós-tónica e final.

Com o recurso a esta quadripartida organização dos dados, pretendemos identificar qual a posição que regista uma maior incidência de desvios, suscitando mais entraves ao desenvolvimento da produção oral dos aprendentes. Posteriormente, tal como nas vogais tónicas, com recurso a uma divisão por segmento vocálico, concluímos qual dos segmentos é objeto de mais desvios.

Em cada uma das posições, analisámos como se processa a progressão ao longo dos vários níveis de proficiência em análise. Desta forma conseguimos ter uma perceção de como se processa o desenvolvimento dos nossos informantes, e que, de um modo geral, os informantes têm tendência para melhorar a sua performance.

A nossa linha de pensamento foi sustentada com exemplos, devidamente identificados. Para além disso, também iremos recuperar informações biográficas, curriculares e sociolinguísticas, incorporando esses dados de forma a discutir a quinta hipótese, explanada atrás.

Todos os dados foram quantificados e são apresentados em gráficos, para uma melhor leitura dos resultados. Finalmente, e com todos os dados já recolhidos, efetuámos uma análise dos dados no seu todo, de forma a tecer considerações úteis que permitiram discutir se se verificam ou não as hipóteses que definimos no capítulo introdutório da nossa *Investigação empírica*.

Capítulo III

Análise e discussão de resultados

Após ter sido explicada a metodologia adotada neste trabalho e a caracterização dos informantes da nossa amostra, iremos agora iniciar a Análise e discussão dos resultados.

O corpus é constituído por 1092 palavras, produzidas por 12 informantes, 91 cada um. Efetuámos uma divisão de ocorrências divergentes e convergentes na produção oral de cada uma delas, de que resulta o gráfico 2, que nos permite obter uma perceção geral do quanto os informantes “erram” e acertam.

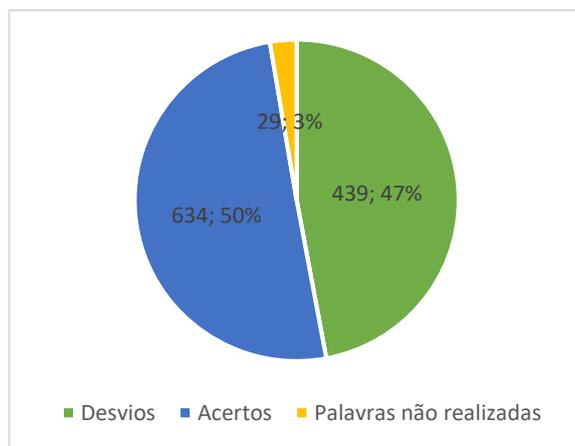


Gráfico 2 – Total de desvios, acertos e vocábulos não obtidos do corpus

A amostra regista um total de 55% de ocorrências convergentes e 47% de ocorrências divergentes. Os 3% de ‘vocábulos desconhecidos’ é respeitante às palavras que os informantes não sabiam dizer em português³.

Considerando todos os desvios, o gráfico 2 mostra que o valor dos acertos corresponde a mais de metade das palavras da amostra. Não obstante o estudo se restringir às vogais, pareceu-nos importante fazer esta primeira constatação, com o intuito de perceber se, do total de desvios na produção oral das palavras do nosso corpus, as vogais apresentam uma percentagem elevada.

De facto, verificámos que, quando considerámos todos os desvios, a grande maioria dos deles são desvios nas vogais. Do total de ocorrências divergentes contabilizadas no gráfico

³ Estes 3% de vocábulos desconhecidos registaram-se na tarefa 4 – nomeação de figuras a partir de um suporte pictórico.

anterior, que perfazem 514 palavras, verificámos que 434 contêm desvios em vogais, isto é, 84%. Os restantes 18% são, de facto, desvios, mas exclusivamente do campo consonântico.

Assim, considerando apenas as vogais, apresentam-se no gráfico 3 os resultados relativos aos desvios / não desvios, que nos permitem confirmar uma das hipóteses de trabalho equacionadas anteriormente: os hispanofalantes apresentam dificuldades na produção oral das vogais do português.

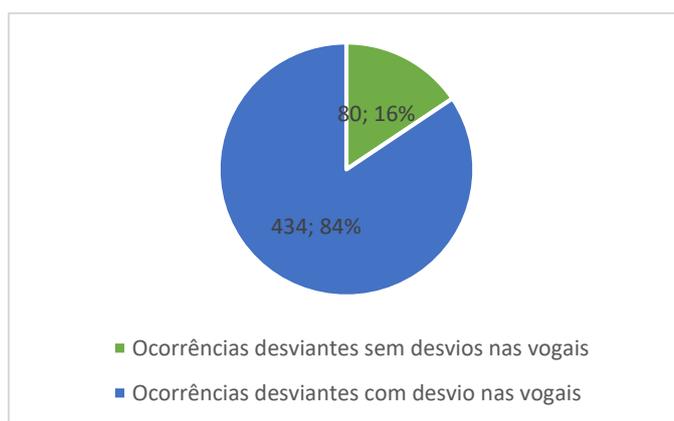


Gráfico 3 – Ocorrências divergentes com e sem desvio nas vogais tónicas e átonas

Já com a perceção de que convergência produção das vogais pode ser uma área crítica na aprendizagem de PL2 por hispano-falantes, com vista a uma análise mais fina da informação, observámos os dados em função do nível de aprendizagem dos informantes. No gráfico 4, estão contabilizados todos os desvios e acertos de cada um dos três níveis em análise. Estes resultados ajudar-nos-ão a verificar como se processa o desenvolvimento fonológico vocálico ao longo da progressão de nível.

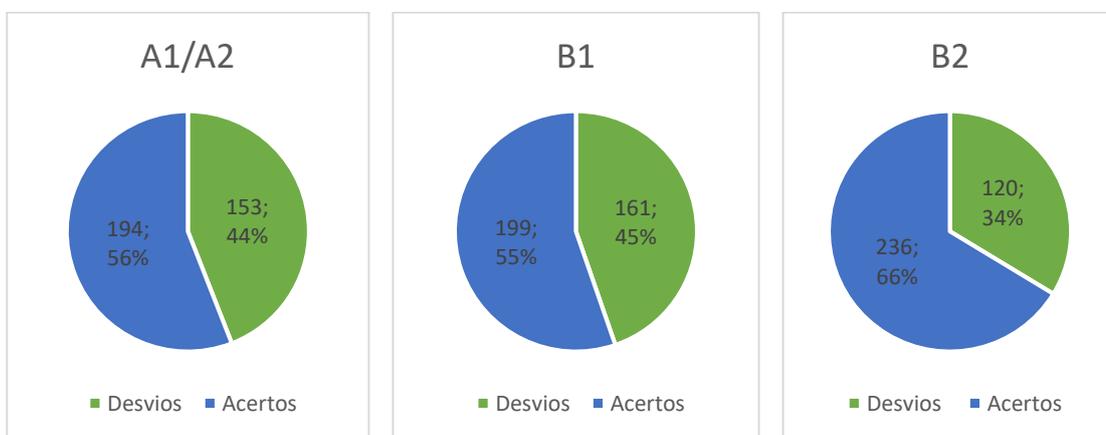


Gráfico 4 – Acertos e desvios organizados consoante o NP dos informantes

Como se pode observar, o número de desvios apenas diminui ligeiramente no nível B2. Não obstante os informantes registarem sempre uma percentagem substancialmente superior de acertos, face à percentagem de desvios, verificamos aqui uma diferença entre o NP mais básico A1/A2 e o nível mais independente B2.

Os nível A1/A2 e B1 contam com percentagens similares de desvios 44% e 45%, respetivamente. Por sua vez, o nível B2 apresenta 34% de desvios. No nível mais avançado da nossa amostra, o B2, apesar de as melhorias serem evidentes, podemos reconhecer uma certa tendência estabilizadora, que poderá ser representativa do estágio final dos aprendentes, conformando um do que Larry Selinker designa por *fossilização*.

“Chamamos de fenómenos linguísticos fossilizáveis aos itens, regras e subsistemas linguísticos que os falantes de uma língua materna específica tendem a manter na sua interlíngua⁴ em relação a uma língua alvo, independentemente da idade do aprendente ou da quantidade de treino que tenha recebido na língua alvo, é fundamental notar que as estruturas fossilizadas tendem a permanecer, ressurgindo na produção de uma interlíngua, mesmo quando pareciam eliminadas” (Selinker, 1992, pp. 79-104)

3.1. Vogais em posição tónica

Apresentados os dados quantitativos gerais, iremos agora analisá-los com mais pormenor. Tal como previsto previamente, numa primeira fase iremos focar-nos nas vogais em posição tónica, dividindo a nossa análise pelos sete fonemas vocálicos orais do português. Este processo comparativo pretende definir qual dos segmentos vocálicos apresenta uma maior incidência de ocorrências divergentes, com o intuito de, posteriormente, saber qual o segmento mais problemático.

⁴ A Interlíngua é o sistema linguístico do aprendente de uma L2 que se encontra entre a língua nativa (L1) e a língua alvo(L2), cuja complexidade se vai transformando num processo criativo que atravessa sucessivas etapas marcadas por novas estruturas e vocabulário que o aprendente adquire. (Selinker, 1992)



Gráfico 5 – Desvios e acertos na vogal em posição tónica

Analisadas todas as palavras do *corpus*, verificámos que apenas 11% delas contêm desvios na vogal tónica da palavra. Nesta posição, os informantes apresentam um grau de convergência de 86%, um número considerável de acertos, se atentarmos no número total de desvios registados anteriormente.

Esta percentagem de ocorrências convergentes revelou-se surpreendente na medida em que, tal como referido no Capítulo I, é nesta posição que encontramos um maior número de timbres vocálicos no português, contrariamente ao que ocorre em espanhol. Assim, podemos desde já aventar que as maiores dificuldades dos hispano-falantes na produção oral das vogais não ocorre na posição tónica. Contudo, 11% de desvios não é um valor residual e importa observar onde residem as maiores dificuldades. Para o efeito, vejamos o seguinte gráfico:

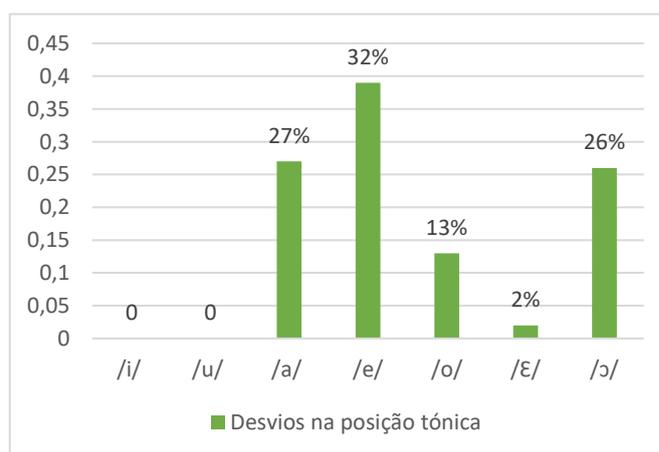


Gráfico 6 – Divisão dos desvios nas vogais em posição tónica pelos sete segmentos vocálicos

Neste gráfico, considerámos a totalidade das ocorrências de cada segmento em posição tónica (quantos /e/ ocorrem, p. ex.), representando a percentagem de desvios relativamente a esse total. Como seria de esperar, do total de desvios em posição tónica, o grau de convergência na produção oral dos segmentos /i, u/ é de 100%. O segmento /e/ é o que regista o maior número de desvios, registando uma percentagem de 32%. Segue-se o segmento /a/, com um grau de divergência de 27%. Por sua vez, a vogal /ɔ/ contou com 26% de formas desviantes, a vogal /o/ com 13% e, por último, a vogal /ɛ/ com 2%.

No que concerne às causas que motivaram o desvio no segmento /e/, vejamos o seguinte gráfico:

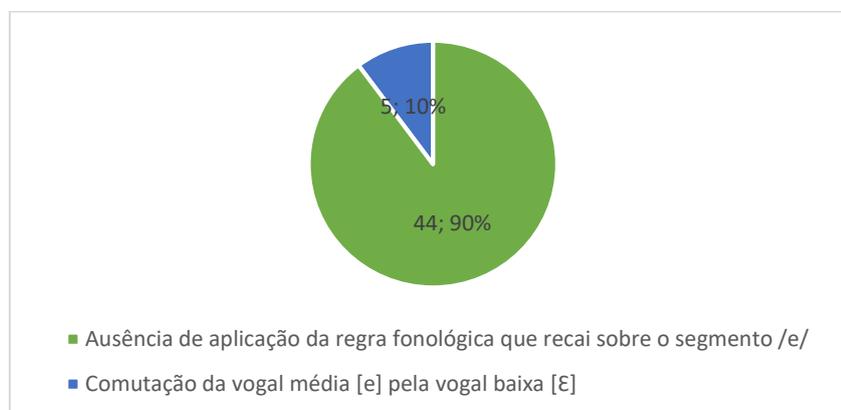


Gráfico 7 – Análise das ocorrências desviantes no segmento /e/

A maior parte dos desvios que registados no segmento /e/ resultaram da ausência de aplicação de regras fonológicas a que essa unidade está sujeita (90% das ocorrências), nomeadamente a regra de recuo, quando /e/ se encontra antecedido de uma glide, de que resulta a realização fonética [ɐ]. . Vejamos exemplos de alguns desvios:

cabeleireiro (T4): [kabilej'ɐjru] (informante IV)

queijo (T7): ['kejʒu] (informante II)

queixo (T7): ['kejʃu] (informante I)

leite (T4): ['lejte] (informante II)

cadeira (T4) :[ka'dejra] (informante III)

Considerando o número substancial de ocorrências desviantes na aplicação da regra supramencionada, parece que esta constituirá uma área crítica na aprendizagem do português por hispano-falantes, com tendência para a fossilização precoce.

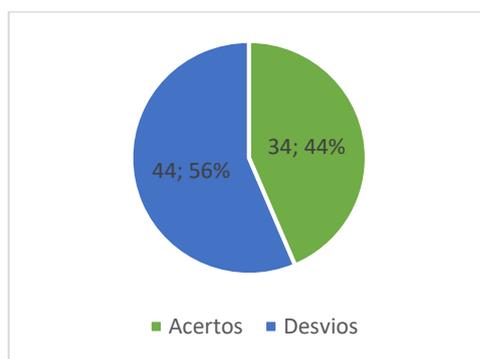


Gráfico 8 – Acertos e desvios na regra fonológica de recuo que recai sobre o segmento /e/ seguido da semivogal /j/

Se tivermos em conta o total de palavras em que esta regra se aplica em posição tónica e contabilizarmos os acertos e os desvios na aplicação desta regra notamos que se registam ocorrências desviantes em mais de metade das palavras – gráfico 7.

No que concerne aos restantes 11% de desvios, que verificámos serem resultado da realização do segmento /e/ como [ɛ], apresentamos alguns exemplos:

cedo (T6): [ˈsɛdu] (informante II)

beleza (T6): [bɛˈlɛzɐ] (informante II)

Contudo, a percentagem de ocorrências deste desvio é residual: apenas 5%, contabilizando um grau de convergência considerável de 95%. Vejamos o seguinte gráfico:

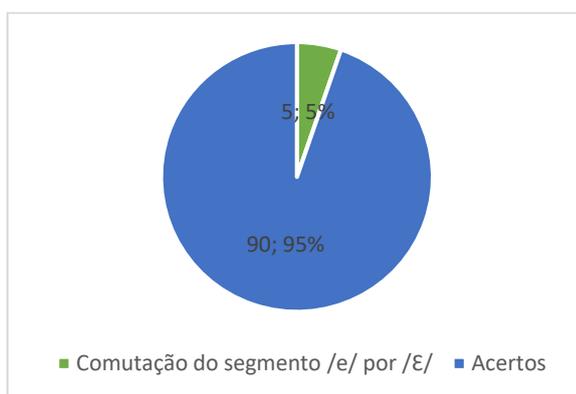


Gráfico 9 – Acertos e desvios na comutação do segmento /e/ por /ɛ/

O segmento /a/ é o que aparece em seguida com maior número de ocorrências desviantes em posição tónica, com uma percentagem de 27% . Contudo, ao contabilizarmos os acertos e

desvios das produções orais deste segmento em posição tónica, verificámos que o grau de divergência é pouco significativo, contabilizando uma percentagem de apenas 9%. Para além disso, todos os erros assinalados foram exclusivamente nos vocábulos: *mãe*, *pão*, *leão* e *fogão*, tendo sido o segmento realizado como [a], e não como [ɐ] nasal.



Gráfico 10 – Ocorrências convergentes e divergentes no segmento /a/ em posição tónica

O segmento /ɔ/ encontra-se em terceiro lugar no número de ocorrências desviantes, em posição tónica, seguindo-se o segmento /o/, com 20% e 13% de desvios, respetivamente. Estes resultados parecem indicar uma má assimilação do valor distintivo dos dois segmentos,.

De facto, ao contabilizarmos as ocorrências divergentes e convergentes na realização oral do segmento /ɔ/ verificamos que apresenta uma percentagem considerável de desvios, 43%:



Gráfico 11 – Desvios e acertos na produção oral do segmento /ɔ/

Estes desvios consistem na realização do segmento /ɔ/ como [o], resultando em produções como:

gola (T7): [ˈgolə] (informante IX)

cola (T7):*[ˈkola] (informante XI)

dose (T7): [ˈdoze] (informante I)

A situação inversa acontece no segmento /o/, por vezes realizado como [ɔ]. Contudo, isso acontece numa escala muito menor, como podemos verificar no gráfico seguinte:

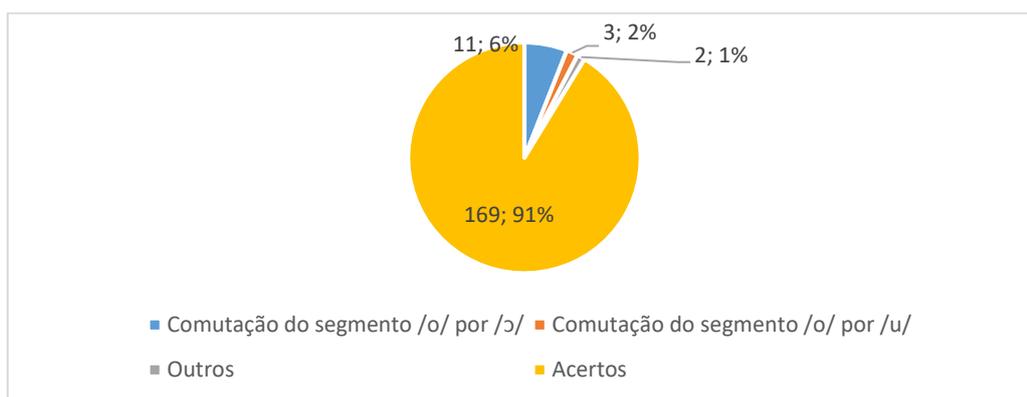


Gráfico 12 - Ocorrências divergentes e convergentes no segmento /o/

Como podemos verificar, o grau de convergência na produção oral do segmento /o/ é de 91%, uma percentagem muito mais significativa que os 57% de acertos encontrados na produção oral de /ɔ/ em posição tónica.

Por fim, e com uma percentagem residual de desvios de 2%, encontramos o segmento /ɛ/. Dado a baixa ocorrência destes desvios, deduzimos que tenham sido lapsos pouco significativos e que este segmento não seja problemático na produção oral dos hispanofalantes.

3.2. Vogais átonas

3.2.1. Vogais átonas em posição pré-tónica

Após termos analisado o que motiva os desvios nas vogais orais tónicas, segue-se a análise dos dados referentes às vogais átonas, primeiramente, em posição pré-tónica. Do total de 91 vocábulos distintos que os informantes tiveram de produzir, apenas 31 contêm uma vogal átona em posição pré-tónica. Assim, os nossos doze informantes realizaram um total de 372 produções orais com uma vogal nesta posição.

A primeira grande constatação, relativamente às vogais nesta posição, é a de que ocorre um número considerável de desvios. Vejamos o seguinte gráfico, que ilustra os graus de convergência e divergência na produção oral das vogais nesta posição:

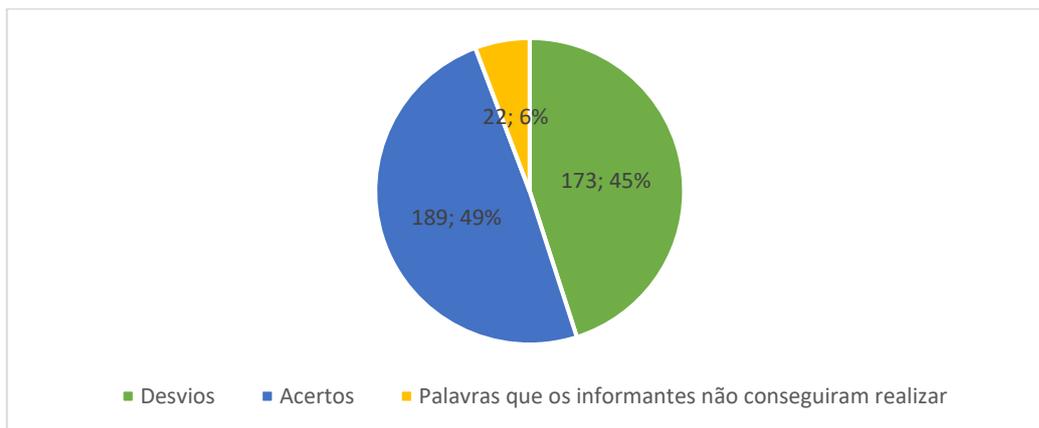


Gráfico 13 – Desvios e acertos nas vogais átonas em posição pré-tônica

No total de 384 produções orais com uma vogal átona em posição pré-tônica, ocorre uma percentagem de 45% de desvios. Na amostra há 6% de vocábulos que os informantes não produziram e regista-se uma percentagem de convergência de 49%. Estes dados iniciais parecem mostrar que, nos hispanofalantes, existe uma certa resistência à aprendizagem dos processos fonológicos que atuam sobre os segmentos fonológicos nesta posição. Se analisarmos como se processa a progressão por NP, verificamos que as dificuldades dos aprendentes não se desvanecem no decurso da sua aprendizagem, como seria de prever, mantendo-se como área crítica.



Gráfico 14 – Desvios e acertos em função do NP

Não obstante o nível B2 ser aquele que apresenta uma maior percentagem de acertos, a melhoria é residual, se compararmos os resultados com os do nível A1/A2 (apenas 2% de

diferença). No nível B1 notamos algo inédito até ao momento na nossa análise, que é o facto de, neste caso específico, haver maior número de desvios do que de acertos, registando-se 51% de desvios. Os desvios revelam uma tendência estabilizadora e, por isso, importa agora detetarmos as origens dos erros.

Começamos por analisar os segmentos átonos em posição pré-tónica, aos quais se aplicam as regras gerais do vocalismo átono. Do total de 32 vocábulos com uma vogal em posição pré-tónica, 20 contêm uma vogal nestas condições.

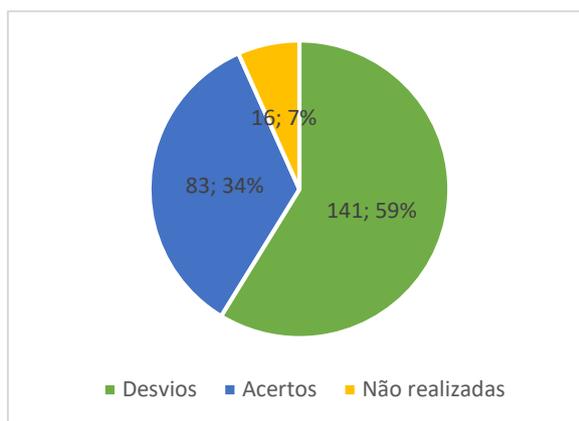
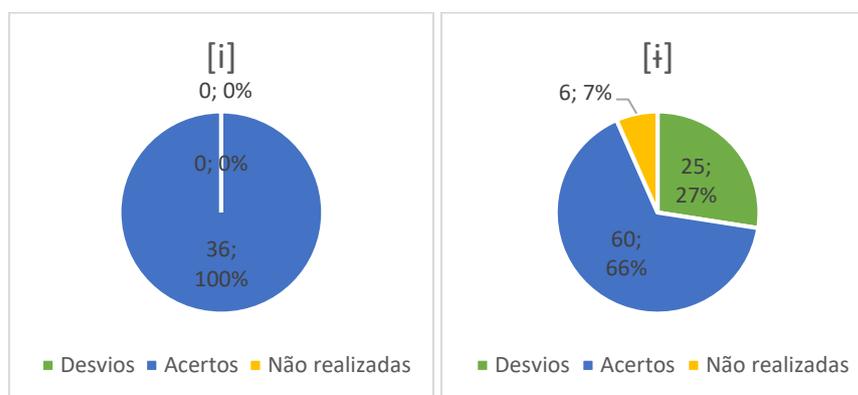


Gráfico 15 – Aplicação das regras gerais nos segmentos átonos em posição pré-tónica

Verificamos que, em 59% dos casos, os informantes não aplicaram a regra correspondente. A percentagem de convergência é de 34%, constatando-se que o número de desvios é superior ao dos acertos. Subdividindo o gráfico anterior nos quatro sons que ocorrem nessa posição – [i, i, e, u] -, verificamos que:



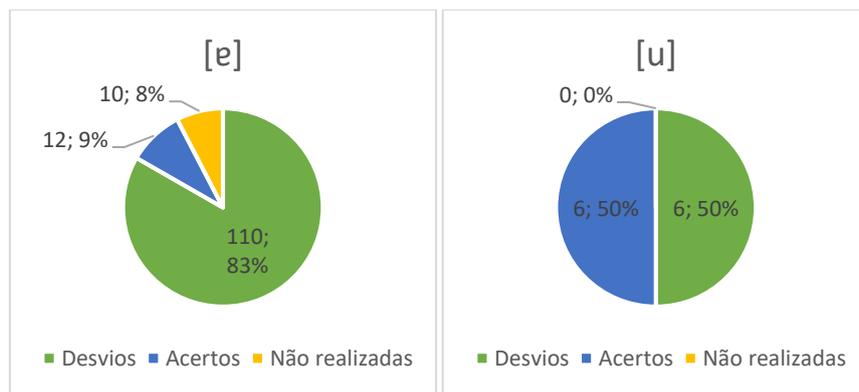


Gráfico 16 – Aplicação das regras gerais do vocalismo átono em posição pré-tônica por segmento fonético

No total de 36, 60, 132 e 12 produções orais realizadas, em que se esperavam os sons [i, i, e, u], respetivamente, os desvios ocorrem mais na produção oral de [e], com um grau de divergência de 83% e de convergência de apenas 9%. O som [u] regista uma percentagem de erros também significativa, de 50%. No som [i] a percentagem de acertos é maior do que a de desvios, 66% e 27%, respetivamente. Por último, no som [i] há 100% de acertos.

Nos segmentos /e/ e /ɛ/ em posição pré-tônica, em que a realização alvo é o som [i], verificámos que a totalidade dos erros se deveu à não aplicação da regra de elevação e recuo, tendo ocorrido a realização do som [ɛ], bem como (na grande maioria), do som [e]. Observem-se os exemplos:

aquecedor (T4): [akɛs'dor] (informante III)

beleza (T6): [bɛ'lesa] (informante I)

estava (T7): [estaba] (informante VI)

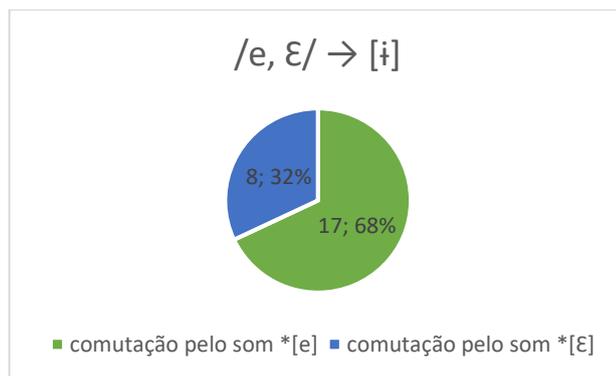


Gráfico 17 – Segmento /e/ e /ε/ em posição pré-tônica

Por sua vez, ao segmento /a/ que sofre elevação, realizando-se [ɐ], na maioria dos casos, não é aplicada a regra. Vejamos alguns exemplos:

cabelo (T4): [ka'belu] (informante I)

avô (T6): [ˈvu] (informante VIII)

capaz (T7): [ka'pas] (informante III)

Para além disto, também se registam casos de não aplicação da regra de recuo sobre o segmento vocálico /e/, quando este se encontra antecedido de uma glide, em posição átona. Estes desvios, que contam com uma percentagem de 9%, resultam em realizações como:

- *cabeleireiro* (T4): *[kabelerɐjru] (informante XII)

Sistematizando os desvios encontrados neste segmento /e/ que realiza o som [ɐ], apresentamos o seguinte gráfico:

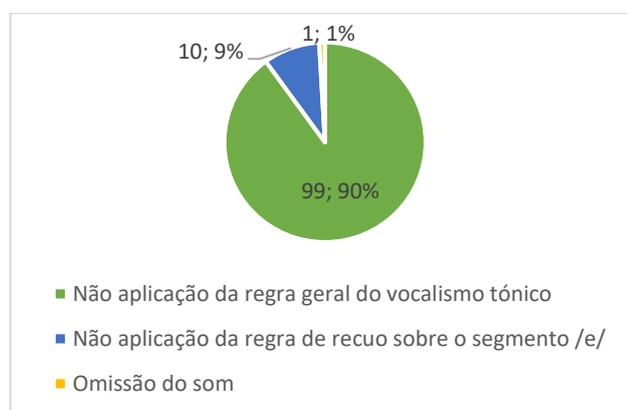


Gráfico 18 – Segmento /e/, que realiza o som [a] em posição pré-tônica

Relativamente ao som [u], no *corpus* existe apenas uma palavra disponível com essa vogal em posição pré-tónica, a palavra *fogão* (T6), o que não permite resultados significativos. No entanto, à semelhança dos casos anteriores, os informantes não aplicaram o processo de elevação a que estão sujeitos os segmentos /o, ɔ/, de que resulta o som [u]. Os desvios resultaram da não aplicação da regra de elevação sobre /o/ ou /ɔ/ como por exemplo: [fɔ'gaw] (informante I) ou [fo'gɔw] (informante VII).

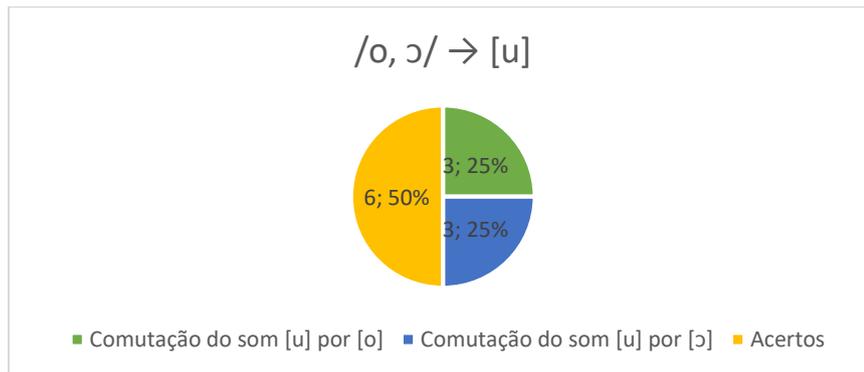


Gráfico 19 – Desvios e acertos dos segmentos /o, ɔ/ em posição pré-tónica

A ausência de desvios na realização de /i/ como [i] já era previsível, na medida em que este segmento, a par com o /u/, não sofre, geralmente, qualquer tipo de alteração em posição átona.

O *corpus* contém 6 palavras com exceções regulares às regras do vocalismo átono, bem como 6 palavras com exceções lexicalmente marcadas, onde a vogal em posição pré-tónica não sofre alteração. No primeiro caso, temos:

- Sílabas terminadas em /l/ - *selvagem* (T4); *calções* (T6) *altura*(T6)
- Palavras derivadas com z-avaliativos: *sozinho* (T4); *cafezinho* (T6), *avozinho* (T6)
- Palavras derivadas com sufixo –mente: *somente* + *facilmente* (T6)

As exceções lexicalmente marcadas são: *padeiro* (T4 e T6); *diretor* (T6); *corar* (T6); + *aquecedor*

Nestes casos, verificámos que os informantes tendem a acertar, apresentando um grau de convergência de 79% e apenas 17% de desvios:

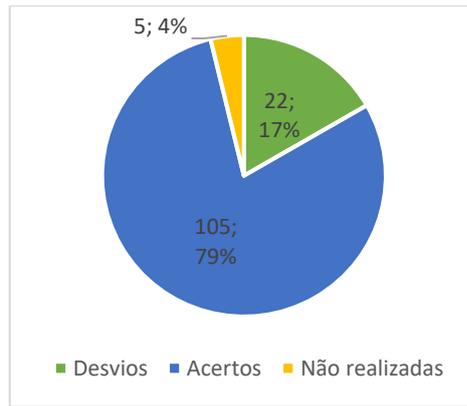


Gráfico 20 – Desvios e acertos nas execuções à aplicação de regras de elevação e recuo

Verificámos que os erros registados nas execuções ocorrem porque os informantes aplicam indevidamente as regras gerais do vocalismo átono. Vejamos alguns exemplos:

sozinho (T4): *[su'siɲu] (informante IV)

padeiro (T6): *[pɐ'dɛjru] (informante VII)

De modo geral, na aprendizagem de uma LNM, os aprendentes revelam mais resistência na aprendizagem das execuções a qualquer regra linguística. Contudo, tal como pudemos verificar, para os hispanofalantes essa não é a principal causa que motiva os erros, mas sim a não aplicação das regras gerais. Existe uma certa tendência em abrir a entoação das vogais átonas em posição pré-tónica e, mais adiante, iremos tentar perceber se esta tendência se mantém nas restantes posições: a pós-tónica não final e a final.

3.2.2. Vogais átonas em posição pós-tónica

Considerando agora as vogais átonas em posição pós-tónica não final, dos 91 vocábulos obtidos pela aplicação do protocolo, apenas 6 contêm uma vogal nesta situação, pelo que existem 72 realizações disponíveis para estudo. Ao contrário do que ocorre em posição pré-tónica, verificámos que, nesta posição na palavra, os informantes acertam mais do que erram.

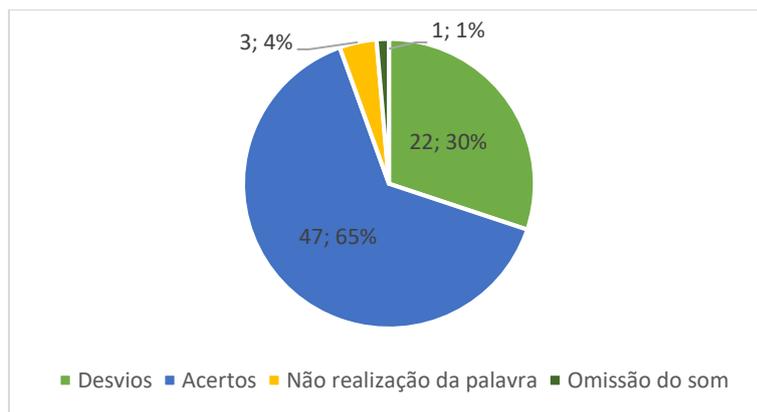


Gráfico 21 - Desvios e acertos na produção oral das vogais pós-tônicas não finais

Um terço das vogais da posição em estudo contém o segmento /i/ que, como já foi referido anteriormente, não sofre qualquer alteração em posição átona. Tal como seria de esperar, estes casos correspondem a ocorrências convergentes que, a par com outros acertos, contabilizam uma percentagem de 65%. Os desvios somam 30% das produções orais e, analisando o que os motiva, chegámos às seguintes conclusões:

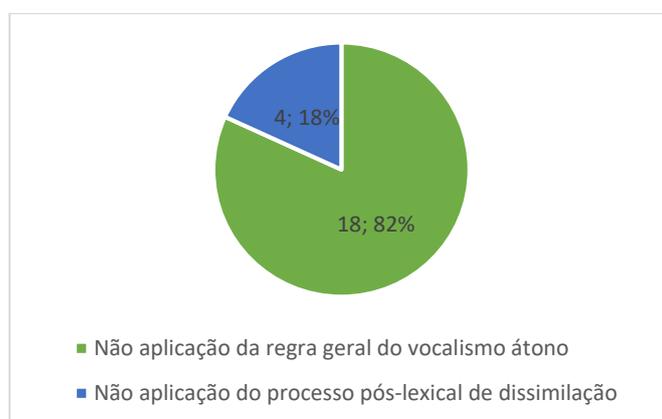


Gráfico 22 – Tipo de desvios nas vogais átonas pós-tônicas não finais

Em posição pós-tónica não final, 18% das ocorrências divergentes foram resultado da não aplicação das regras gerais do vocalismo átono, mais concretamente do processo de elevação do segmento /a/. Vejamos exemplos:

mesas (T7): [ˈmesas] (informante XII)

metas (T7): [ˈmɛtaʃ] (informante XI)

3.2.3. Vogais átonas em posição final

Considerando a posição átona final, verificamos que 71 vocábulos do protocolo contêm nesta posição, [u], [ɐ] ou [i]. Assim, dispomos de um conjunto de 852 produções orais como base de trabalho.

Nesta posição, notamos que, apesar de residuais, ocorreram casos em que o informante comutou a vogal pela sua correspondente no feminino ou masculino, como o caso de:

- *sozinho* (T4): [sɔ'ziɲɐ] (informante II)

Nestas situações de troca, que deduzimos terem sido resultado de distração ou de uma leitura mais rápida, considerámos como ocorrências convergentes, caso a vogal átona correspondente tenha sido realizada corretamente.

No total de 852 produções orais em análise, verificamos que há uma percentagem de acertos muito elevada, de 83%.

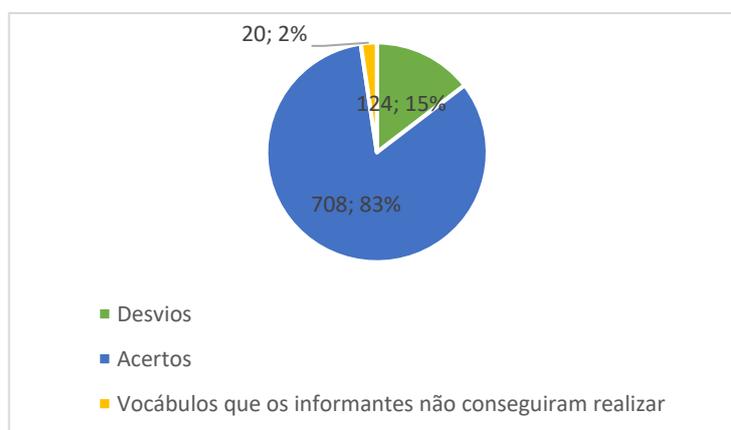


Gráfico 23 - Desvios e acertos na produção oral das vogais átonas finais

As ocorrências divergentes contaram com 15% do total de palavras e os restantes 2% dizem respeito aos vocábulos que os informantes não conseguiram realizar.

Com o intuito de melhor compreender em qual das vogais átonas incide o maior número de desvios, optámos por considerar as três vogais átonas em posição final [u, ɐ, i]. No protocolo existem 33 vocábulos terminados em [u], 29 em [ɐ] e, finalmente, 9 em [i], pelo que os números de produções totais são de 396, 348 e 108, respetivamente. Considere-se o gráfico com os resultados obtidos:

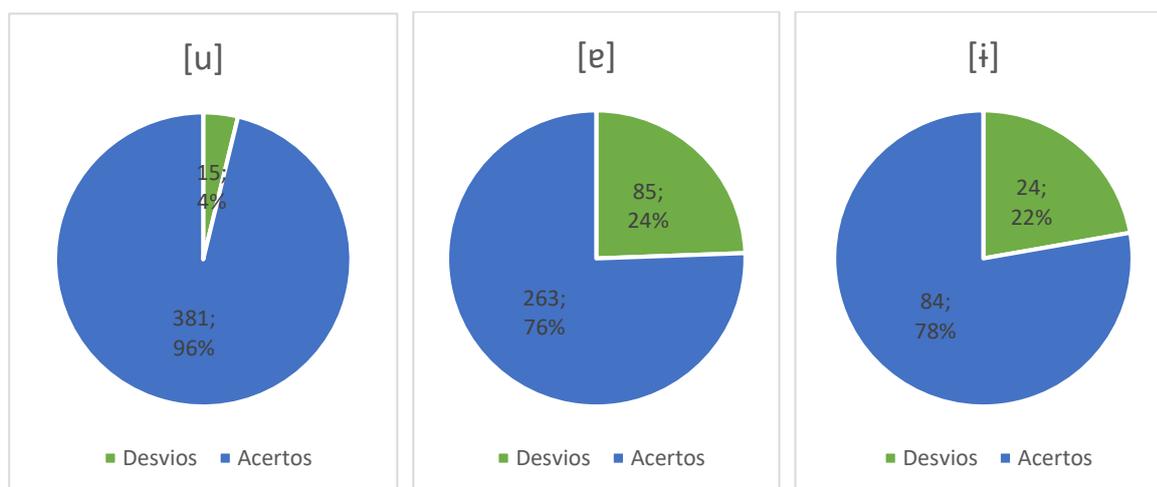


Gráfico 24 – Desvios e acertos nas vogais átonas finais, por vogal

As palavras com a vogal átona final [u] não representam um problema na produção oral dos hispanofalantes, sendo a divergência, residual, (4%). Seguem-se alguns exemplos dos desvios encontrados:

cedo (T5): [ˈsedo] (informante IX)

belo (T5): [ˈbɛlo] (informante X)

Os vocábulos terminados em [e] são os que registam um maior número de desvios: 24%. Vejamos algumas ocorrências desviantes:

fadista (T4): [ˈfadiʃta] (informante IV)

beleza (T5): [bɛˈlesa] (informante I)

tela (T6): [ˈalma] (informante VIII)

Por sua vez, as palavras terminadas na vogal [i] contabilizam 22% de desvios e 78% de ocorrências convergentes.

forte (T5): [ˈfɔrte] (informante I)

doze (T7): [ˈdose] (informante I)

Como podemos verificar em todos os exemplos transcritos, os desvios na realização das vogais átonas em final de palavra consistem na não aplicação das regras fonológicas a que estão sujeitos os segmentos nesta posição.

Ao considerarmos os resultados em função do NP, verificamos que, como prevíamos, o número de desvios diminui do nível A1/A2 para o nível B2.

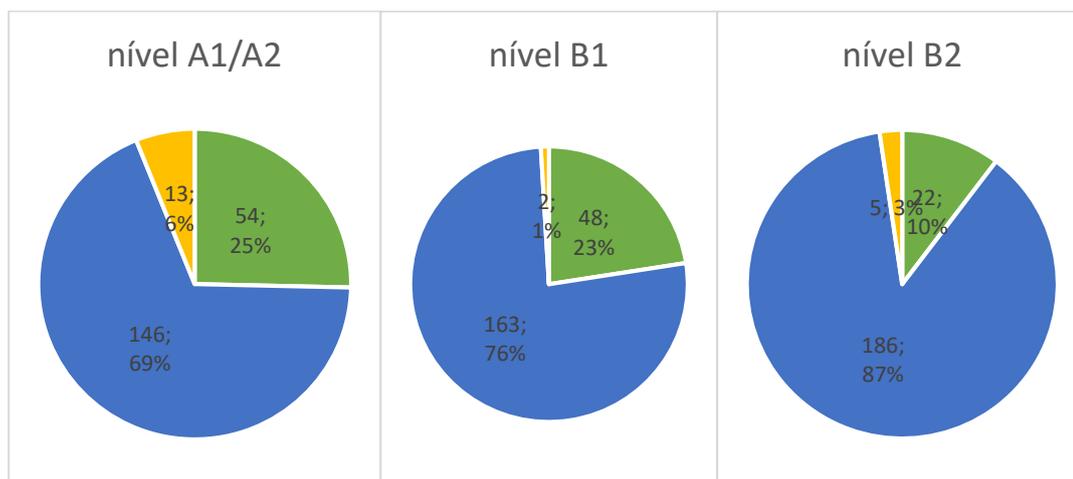


Gráfico 25 – Desvios e acertos das vogais átonas, em posição final e em função do NP

O nível A1/A2 registou a maior percentagem de desvios: 25%. É também o nível com um maior número de palavras que os informantes não conseguiram realizar, contando com 6%. Se compararmos com o nível seguinte, o B1, verificamos que, não obstante uma pequena melhoria, o nível de desvios mantém-se semelhante, contabilizando-se um total de 23% de desvios, menos 2% do que nos níveis A1/A2. Contudo, observa-se uma melhoria ao nível dos acertos, somando 76%. Já no nível B2, o total de desvios decresce significativamente e os informantes apresentam um grau de convergência de 87%.

Os 10% de desvios no nível B2 podem ser significativos de indícios de fossilização, indicando que os aprendentes apresentam uma ligeira resistência na aprendizagem das regras fonológicas a que estão sujeitos os segmentos vocálicos em posição final. Vejam-se os resultados por segmento no nível B2:



Gráfico 26 – Desvios na produção dos sons [u, e, i] em posição átona final no nível B2

Apesar de nas contagens dos desvios em cada um dos segmentos, no gráfico X, nos mostrar uma maior percentagem de desvios na vogal átona [e], quando nos restringimos apenas ao nível B2, notamos que é na vogal [i] em posição final que verificamos uma maior incidência de erros.

Concluindo este capítulo, onde descrevemos todos os dados obtidos e que julgámos relevantes inserir na nossa apresentação, parece-nos claro que as hipóteses que colocámos se confirmam. Iremos discutir um pouco sobre os resultados e cada uma das nossas hipóteses no capítulo seguinte, as *Considerações finais*

Considerações finais

O nosso trabalho consiste numa análise das produções orais de hispanofalantes, com o intuito de perceber como se desenvolve a competência fonológica do nosso grupo de informantes, neste caso específico a vocálica. Pensámos neste trabalho por se tratar de algo inovador, e que poderá abrir caminho para investigações similares no campo da análise fonética. Através da colocação de cinco hipóteses, o nosso objetivo era conduzir toda a nossa análise de dados de forma a confirmar ou infirmar cada uma delas.

Após uma audição exaustiva de todas as entrevistas que serviram como base empírica deste trabalho, e que integram o acervo do Corpus Oral de PL2, projeto em desenvolvimento no âmbito do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC) da FLUC, foram realizadas as transcrições fonéticas de todas as produções orais resultantes das três tarefas sobre as quais realizámos a nossa análise: uma tarefa de nomeação de figuras a partir de um suporte pictórico, e duas tarefas de leitura de listas de palavras. Salientamos aqui a dificuldade sentida numa fase inicial, com o trabalho de audição e posterior transcrição fonética de todas as produções orais conseguidas, que não teve como suporte nenhum programa de análise fonética. Contudo, julgamos que o trabalho de transcrição desenvolvido tem uma margem de erro aceitável, não comprometendo a análise dos dados obtidos. A escolha destas referidas tarefas, em vez de de outras que integravam o Protocolo de recolha de dados, deveu-se à necessidade de obter um *corpus* homogéneo, para permitir a comparabilidade dos resultados.

Escolhidas as vogais orais do português como objeto de estudo, julgámos, numa primeira fase, que o grau de divergência seria, de um modo geral, maior do que o registado. As hipóteses colocadas neste trabalho organizaram-se, maioritariamente, em torno de três questões – i) a relação entre a LM, NP e a competência fonológica em L2; ii) os aspetos que caracterizam os fonemas vocálicos orais do português, bem como os processos fonológicos que sobre eles atuam, e a sua aprendizagem por não nativos. Relembramos agora cada uma delas, e tecemos algumas conclusões sobre cada uma.

A hipótese 1, que defendia que “os hispanofalantes possuem visíveis dificuldades na produção oral das vogais orais do português”, foi confirmada através da primeira análise quantitativa, na qual verificámos que, do total de desvios na produção oral das palavras que constituem o nosso *corpus*, 84% são desvios em vogais, sejam elas átonas ou tónicas. Realçando que os hispanofalantes acertam mais do que erram, o grau de divergência permitiu-nos verificar,

numa fase inicial, que pouco menos de metade das mais de mil palavras analisadas continham desvios nas vogais.

Verificámos também que o grau de divergência tem tendência para diminuir, tal como previmos na hipótese 2: “as dificuldades na produção oral das vogais orais diminuem ao longo da progressão de nível de proficiência”. Comparando as percentagens de desvios entre os vários NP analisados, verificámos que, dos níveis A1/A2 para o nível B2, existe uma diminuição do número de desvios nas vogais de 10%. Ainda assim, ao definirmos a hipótese 2, julgámos que a diferença entre estes dois níveis seria mais significativa. Os 34% de desvios no nível B2 podem indiciar fenómenos de fossilização, recorrentes nas IL. Contudo, a aprendizagem é um processo contínuo, em constante mutação, a não ser que, por exemplo, o aprendente não sinta mais necessidade de progredir, entendendo, por exemplo, que as suas necessidades comunicativas estão satisfeitas. Dada a grande similitude entre as línguas portuguesa e castelhana, julgamos que isto pode acontecer, justificando assim o grau de divergência obtido num nível tão avançado da aprendizagem.

Relativamente à hipótese 3, que afirmava que “os hispanofalantes têm tendência a basear as suas opções fónicas nos segmentos a que estão expostos, tendo dificuldades na distinção do estatuto fonológico dos vários sons do português, resultando numa produção oral com tendência à biunivocidade”, verificámos que esta afirmação contém algumas fragilidades. De facto, notou-se que, em posição tónica, ocorreram casos em que os informantes não distinguiram o valor fonológico dos segmentos /e, ε/ e /o, ɔ/. Contudo, a percentagem de desvios motivados pela comutação de segmentos, /e/→[ε], /o/→[ɔ] e /ε/→[e] não se revelou muito significativa. O único caso que assinalamos é, de facto, a ocorrência de casos em que os informantes realizaram o segmento /ɔ/→[o], resultando num grau de convergência de 43%. Ressaltamos que, tal como seria de prever, já que são segmentos que não sofrem qualquer tipo de alterações, os segmentos /i/ e /u/ não registaram desvios.

Em quarto lugar, levantámos a hipótese de que “os hispano-falantes têm dificuldades na aplicação das regras fonológicas de elevação e recuo do vocalismo tónico e átono, em especial neste último”, o que de facto se revelou como a maior dificuldade constatada no decurso da nossa análise. Tanto nalguns em posição tónica, como em posição átona, uma grande parte das ocorrências divergentes registadas é resultado da não aplicação de um conjunto de processos fonológicos que afetam as vogais. Em posição tónica, verificámos, essencialmente, a não aplicação das regras fonológicas que resultam na realização [ɐ] em função de uma regra de recuo que afeta o segmento vocálico /e/, quando este se encontra em fronteira de sílaba e

seguido de uma consoante palatal: [ɲ] [ʃ] [ʎ] e [ʒ], ou quando este se encontra seguido de uma glide.

No que às vogais átonas respeita, verificámos uma grande dificuldade na aplicação das regras gerais do vocalismo átono, na sequência das quais o segmento /a/ sofre um processo de elevação, realizando-se como [ɐ]; os segmentos /e/ e /ɛ/ sofrem paralelamente um processo de elevação e recuo, realizando-se como [i]; e /o/ e /ɔ/ sofrem um processo de elevação, realizando-se como [u]. Em posição pré-tónica, a posição que contabilizou uma maior percentagem de ocorrências divergentes, com 45% de desvios, verificámos que as dificuldades se manifestam na realização de todos os segmentos, com maior incidência em /a/, onde se registou um grau de divergência de 83%. Mais ainda, cruzando esta hipótese com a hipótese número dois, verificámos que, para além de esta ser uma área crítica na produção oral dos hispanofalantes, as melhorias em função da progressão de nível são diminutas já que, no que à aplicação das regras gerais do vocalismo átono respeita, o decréscimo de desvios dos níveis A1/A2 para o nível B2 é de apenas 2%. Já em posição pós-tónica não final e final, verificámos que as vogais não representam tantas dificuldades como na anterior. As vogais átonas em posição pós-tónica apresentam uma percentagem de 30% de desvios e as vogais átonas em posição final apenas de 13%. Nestas últimas, verificámos que são os sons [ɐ] e [i] que contabilizam um maior número de erros, com 24% e 22%, respetivamente. Contudo, aqui verifica-se uma mudança no desempenho dos informantes, do nível A1/A2 para o nível B2.

Por último, no que respeita à quinta hipótese, que defendia que “na produção oral do sistema vocálico do português por hispanofalantes, estão latentes fenómenos de *transferência*”, verificámos que os indícios de transferência são abundantes. Os desvios encontrados na nossa análise foram resultado de transferência negativa da LM dos informantes, motivada pela pouca assimilação de certos aspetos inexistentes na sua LM, como, por exemplo, as regras fonológicas e a diferença do estatuto fonológico entre os segmentos.

Entendemos, com os resultados oferecidos, que, é necessário todo um trabalho em sala de aula, eliminando dúvidas ou opções divergentes na realização dos sons. Por isso mesmo, defendemos que sejam pensados e preparados exercícios que permitam aos informantes perceber as diferenças fonológicas entre segmentos, bem como um trabalho persistente de produção de vogais sobre as quais recaem as mais variadas regras fonológicas.

Concluimos, afirmando que, no geral, os resultados não foram surpreendentes. Todavia, é importante conhecer as áreas críticas da aquisição e aprendizagem dos aprendentes de forma a reconhecer as categorias mais problemáticas, distinguindo erros sistemáticos dos que têm carácter pontual. Assim, o docente poderá definir estratégias compensatórias que permitam

facilitar e auxiliar todo o processo de reestruturação das IL dos aprendentes. Uma das limitações que julgamos existir neste estudo é a de ter tido como base vocábulos independentes, não permitindo averiguar como é que o comportamento dos aprendentes se processa na produção de um discurso livre. Contudo, essa ideia será a base de um trabalho futuro a desenvolver.

Bibliografia

- Chomsky, N., & Halle, M. (1968). *The sound pattern of English*. Cambridge, London, Engand: The MIT Press.
- Europa, C. d. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Lisboa: ASA.
- Fernández, J. G. (2007). *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco/Libros, S.L.
- Hualde, J. I. (2005). *The sounds of spanish*. New York, USA: Cambridge University Press.
- Iribarren, M. C. (2009). *Fonética y Fonología Españolas*. Madrid: Editorial Sintesis.
- Martins, C. (2011). O Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA). Caracterização e desenvolvimento de uma infra-estrutura de investigação. Em C. Flores, *Português Língua Não Materna: Investigação e Ensino*. Lisboa: Lidel.
- Mateus, M. H. (1989). Fonologia e fonética. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, & I. H. Haria, *Gramática da Língua Portuguesa (3.ª edição)* (pp. 349-364). Lisboa: Caminho - colecção universitária: série LINGUÍSTICA.
- Mateus, M. H. (2002). Fonologia e Prosódia. Em M. H. Mateus, *A face exposta da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Mateus, M. H. (2005). A Fonologia segmental do português europeu. Em M. H. Mateus, I. Falé, Freitas, & M. João, *Fonética e fonologia do português* (pp. 155-236). Lisboa: Universidade Aberta.
- Santos, I. A., Pereira, I., Martins, C., Lopes, A. C., Carapinha, C., & Silva, A. (s.d.). Corpus Oral de PL2: um novo recurso para a investigação e ensino. *Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra/CELGA-ILTEC*, versão não publicada; paginação não coincidente.
- Selinker, L. (1992). Interlengua. Em *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor.
- Seymour, P. (1997). Foundations of orthographic development. Em C. Perfetti, L. Rieben, & M. Fayol, *Learning to Spell*. Hillsdale.
- Tahta, S., Wood, M., & Loewenthal, K. (1981). Age Changes in the Ability To Replicate Foreign Pronunciation and Intonation. Em *Language Speech, vol. 24* (pp. 363-372). London.

Anexo I

Transcrições fonéticas das produções orais conseguidas,
divididas por informantes

Informante I	[kabilɛj'rejru]	dúvida	['duvida]
cabeleireiro		dose	['dose]
cabelo	[ka'belu]	penso	[p̃'esu]
louro	['lowrɛ]	tarde	['tarde]
mãe	['mɔ̃j]	bomba	['vɔ̃bɔ]
pão	['pɔ̃w]	vaca	['baka]
padeiro	[pa'dejru]	mesas	['mɛfɛj]
roupa	['ropɛj]	cabaz	[ka'baʃ]
nuvem	['nuvɛ̃j]	julho	['ʒuliu]
leão	['liɛw]	dívida	['dividɔ]
selvagem	[sɛʎ'vaʒɛ̃j]	calções	[kal'fɔiʃ]
leite	['lejte]	peso	['pesu]
cadeira	[ka'dejrɛ]	metas	['mɛtɛj]
jogo	['dʒogo]	pomba	['pɔ̃bɔ]
jogador	[dʒoga'dor]	jato	['ʒatu]
fado	['fadu]	tarte	['tarte]
fadista	[fa'distɔ]	fato	['fatu]
sozinho	[ʃu'ʃiɲu]	canções	[kɔ̃'ʃoɲj]
aquecedor	[akɛsɛ'dor]	faca	['faka]
cedinho	[sɛ'diɲu]	terra	['tɛrɛ]
casa	['kazɛ]	carro	['karu]
fogão	[fɔ'gaw]	estafa	[ɛ'ʃtafɛ]
belo	['vɛlu]	cola	['kɔlɛ]
cedo	['sɛdu]	velha	['vɛliɛ]
forte	['fɔrte]	mar	['mar]
somente	[sɔ'm̃ɛti]	vaga	['vaga]
fogo	['fogo]	sonho	['sonu]
beleza	[bɛ'lesɔ]	doce	['doze]
fácil	['faθil]	queixo	['kejʃu]
alto	['altu]	bela	['bɛliɛ]
café	[ka'fɛ]	rua	['ruɛ]
facilmente	[faθil'm̃ɛnte]	sala	['salɛ]
só	['su]	tela	['tɛliɛ]
hospital	[oʃpi'tal]	alma	['almɛ]
casinha	[ka'siɲa]	mal	['maʃ]
avô	[a'vo]	chato	['ʃatu]
diretor	[dirɛ'tor]	capaz	[ka'paʃ]
cafezinho	[kafɛ'ziɲu]	caro	['karu]
fortíssimo	[fɔr'tisimu]	junho	['ʒuɲu]
padeiro	[pa'dejru]	sono	['sonu]
altura	[a'turɛ]	vela	['vela]
corar	[kɔ'ʔar]	doze	['doze]
avozinho	[avo'siɲu]	queijo	['kejʃu]
sara	['sara]	lua	['luɛ]
gola	['gɔla]	arma	['armɛ]
fado	['fadu]	estava	[ɛs'tava]

Informante II

cabeleireiro	[kabilej'rejru]
cabelo	[ka'belu]
louro	['lojru]
mãe	['mɕj]
pão	['pɕw]
padeiro	[pa'dejru]
roupa	['ropɐ]
nuvem	['nuvɛj]
leão	[le'ɕw]
selvagem	[sɛɫ'vaʒɛj]
leite	['lɛjtɨ]
cadeira	↓
jogo	['ʒogo]
jogador	[ʒoga'dor]
fado	['fadu]
fadista	[fɛ'diʃtɛ]
sozinho	[sɔ'ziɲɛ]
aquecedor	↓
cedinho	[sɛ'diɕu]
casa	['kazɐ]
fogão	[fɔ'gɕw]
belo	['bɛlu]
cedo	['sɛdu]
forte	['fortɨ]
somente	[sɔ'm̃'eti]
fogo	['fogu]
beleza	[bɛ'lɛzɐ]
fácil	['fasiw]
alto	['altu]
café	[ka'fɛ]
facilmente	[fasil'mɛti]
só	['sɔ]
hospital	[ɔʃpi'tal]
casinha	[ka'ziɲɛ]
avô	[a'vɔ]
diretor	[dirɛ'tor]
cafezinho	[kafɛ'ziɲu]
fortíssimo	[fɔr'tisimu]
padeiro	[pa'dejru]
altura	[al'turɐ]
corar	[ko'rar]
avozinho	[avo'ziɲu]
sara	['sara]

gola	['gɔlɐ]
fado	['fadu]
dúvida	[duvidɐ]
dose	['dozi]
penso	[pɛsu]
tarde	['tardi]
bomba	['bubɐ]
vaca	['vakɐ]
mesas	['mezɐ]
cabaz	[ka'ba]
julho	['ʒuliu]
dívida	['dividɐ]
calções	[kal'suɨ]
peso	['pezu]
metas	['mɛtɐ]
pomba	['pubɐ]
jato	['ʒatu]
tarte	['tarti]
fato	['fatu]
canções	[kɕ'suɨ]
faca	['fakɐ]
terra	['tɛrɐ]
carro	['karu]
estafa	[ʃ'tafɐ]
cola	['kɔlɐ]
velha	['vɛliɐ]
mar	['mar]
vaga	['vagɐ]
sonho	['soɲu]
doce	['doɕi]
queixo	['kɛjʃu]
bela	['bɛlɐ]
rua	['ruɐ]
sala	['salɐ]
tela	['tɛlɐ]
alma	['almɐ]
mal	['maw]
chato	['ʃatu]
capaz	[ka'paɨ]
caro	['karu]
junho	['ʒuɲu]
sono	['sonu]
vela	['vɛlɐ]
doze	['dozi]
queijo	['kɛjʒu]
lua	['luɐ]

arma	[ˈarmɐ]	gola	[ˈgɔla]
estava	[iˈtavɐ]	fado	[ˈfadu]
<u>Informante III</u>		dúvida	[ˈduvidɐ]
cabeleireiro	[kabeleˈleiru]	dose	[ˈdozɐ]
cabelo	[kaˈbelu]	penso	[ˈpẽsu]
louro	[ˈlojɾɐ]	tarde	[ˈtardi]
mãe	[ˈmɛj]	bomba	[ˈbɔbɐ]
pão	[ˈpɔw]	vaca	[ˈvakɐ]
padeiro	[paˈdejru]	mesas	[ˈmezɐʃ]
roupa	[ˈɾopɐ]	cabaz	[kaˈbaʃ]
nuvem	[ˈnuvɛ̃j]	julho	[ˈʒuliu]
leão	[leˈɔw]	dívida	[ˈdividɐ]
selvagem	[salˈvaʒɛ̃j]	calções	[kalˈsɔjʃ]
leite	[ˈlejte]	peso	[ˈpezɐ]
cadeira	[kaˈdejra]	metas	[ˈmɛtɐʃ]
jogo	[ˈʒogɔ]	pomba	[ˈpɔbɐ]
jogador	[ʒogaˈdɔɾ]	jato	[ˈʒatu]
fado	[ˈfadu]	tarte	[ˈtarti]
fadista	[faˈdiʃta]	fato	[ˈfatu]
sozinho	↓	canções	[kɛˈsɔjʃ]
aquecedor	[akɛsɛˈdɔɾ]	facã	[ˈfakɐ]
cedinho	[sɛˈdiɲu]	terra	[ˈtɛɾɐ]
casa	[ˈkazɐ]	carro	[ˈkaɾu]
fogão	[foˈgɔw]	estafa	[ˈtafa]
belo	[ˈbɛlu]	cola	[ˈkɔlɐ]
cedo	[ˈsɛdu]	velha	[ˈvɛliɐ]
forte	[ˈfɔɾti]	mar	[ˈmar]
somente	[sɔˈmɛ̃nte]	vaga	[ˈvagɐ]
fogo	[ˈfɔgu]	sonho	[ˈsoɲu]
beleza	[bɛˈlezɐ]	doce	[ˈdoçɪ]
fácil	[ˈfasiw]	queixo	[ˈkejʒu]
alto	[ˈalto]	bela	[ˈbɛliɐ]
café	[kaˈfɛ]	rua	[ˈɾuɐ]
facilmente	[fasiˈlɛ̃nte]	sala	[ˈsalɐ]
só	[ˈsɔ]	tela	[ˈtɛliɐ]
hospital	[ɔʃpiˈtal]	alma	[ˈalmɐ]
casinha	[kaˈsiɲɐ]	mal	[ˈmaw]
avô	[aˈvɔ]	chato	[ˈʃatu]
diretor	[dirɛˈtɔɾ]	capaz	[kaˈpas]
cafezinho	[kafɛˈsiɲu]	caro	[ˈkaɾu]
fortíssimo	[fɔɾˈtisimu]	junho	[ˈʒuɲu]
padeiro	[paˈdejru]	sono	[ˈsonu]
altura	[alˈtuɾɐ]	vela	[ˈvɛliɐ]
corar	[kɔˈɾaɾ]	doze	[ˈdozɐ]
avozinho	[avoˈsiɲu]	queijo	[ˈkejʒu]
sara	[ˈsara]	lua	[ˈluɐ]

arma	[ˈarmɐ]	gola	[ˈgɔlə]
estava	[iʃˈtavɐ]	fado	[ˈfadu]
<u>Informante IV</u>		dúvida	[ˈduvidɐ]
cabeleireiro	[kabileiˈrejru]	dose	[ˈdosi]
cabelo	[kaˈbelu]	penso	[ˈpɛsu]
louro	[ˈlojɾɐ]	tarde	[ˈtardi]
mãe	[ˈmɔ̃j]	bomba	[ˈbɔbɐ]
pão	[ˈpaw]	vaca	[ˈvakɐ]
padeiro	[paˈdejru]	mesas	[ˈmesɐs]
roupa	↓	cabaz	[kaˈbaʃ]
nuvem	[ˈnuvɐ̃j]	julho	[ˈʒuliu]
leão	[ˈleɔ̃w]	dívida	[ˈdividɐ]
selvagem	[salˈvazɛ̃j]	calções	[kalsũjʃ]
leite	[ˈlɛjtɨ]	peso	[ˈpezu]
cadeira	[kaˈdejɾa]	metas	[mɛtɐʃ]
jogo	[ˈʒogu]	pomba	[ˈpɔbɐ]
jogador	[ʒuɣɐˈdɔɾ]	jato	[ˈʒatu]
fado	[ˈfadu]	tarte	[ˈtarti]
fadista	[faˈdistɐ]	fato	[ˈfatu]
sozinho	[suˈʃiɲu]	canções	[kɔ̃ˈsɔ̃jʃ]
aquecedor	↓	faca	[ˈfakɐ]
cedinho	[sɛˈdiɲu]	terra	[ˈtɛrɐ]
casa	[ˈkasɐ]	carro	[ˈkaru]
fogão	[fɔˈgaw]	estafa	[ˈtafa]
belo	[ˈbɛlu]	cola	[ˈkɔlə]
cedo	[ˈsedu]	velha	[ˈvɛlə]
forte	[ˈfɔrtɨ]	mar	[ˈmar]
somente	[sɔˈmɛ̃ti]	vaga	[ˈvaga]
fogo	[ˈfogu]	sonho	[ˈsoɲu]
beleza	[biˈlezɐ]	doce	[ˈdosi]
fácil	[ˈfasil]	queixo	[ˈkɛjʃu]
alto	[ˈaltu]	bela	[ˈbɛlə]
café	[kaˈfɛ]	rua	[ˈruɐ]
facilmente	[ˈfasilˈmɛ̃ti]	sala	[ˈsala]
só	[ˈso]	tela	[ˈtɛla]
hospital	[spiˈtal]	alma	[ˈalmɐ]
casinha	[kaˈʃiɲɐ]	mal	[ˈmaɫ]
avô	[aˈvo]	chato	[ˈʃatu]
diretor	[dirɛˈtoɾ]	capaz	[kaˈpaʃ]
cafezinho	[kafɛˈʃiɲu]	caro	[ˈkaru]
fortíssimo	[fɔɾˈtisimu]	junho	[ˈʒuɲu]
padeiro	[paˈdejru]	sono	[ˈsonu]
altura	[alˈture]	vela	[ˈvɛlə]
corar	[kɔˈrar]	doze	[ˈdozi]
avozinho	[aboˈʃiɲu]	queijo	[ˈkɛjʒu]
sara	[ˈsare]	lua	[ˈluɐ]

arma [aɾmɐ]
 estava [is'tavɐ]

Informante V

cabeleireiro [kabɨ'lejru]
 cabelo [ka'belu]
 louro ↓
 mãe ['mɔ̃j]
 pão ['pɔ̃w]
 padeiro ↓
 roupa ['ropɐ]
 nuvem ['nubiʃj]
 leão ['leɔ̃w]
 selvagem [sɛɫ'vaʔ]
 leite ['lejtɨi]
 cadeira [ka'dejra]
 jogo ['ʒogɔ]
 jogador [ʒoga'dɔɾ]
 fado ['fadu]
 fadista [fa'diʃtɐ]
 sozinho [so'ziɲu]
 aquecedor ↓
 cedinho [si'diɲu]
 casa ['kazɐ]
 fogão [fu'gɐw]
 belo ['bɛlu]
 cedo ['sedu]
 forte ['fɔɾti]
 somente [so'mɛti]
 fogo ['fogu]
 beleza [bi'lesa]
 fácil ['fasil]
 alto ['altu]
 café [ka'fɛ]
 facilmente [fasil'mɛti]
 só ['so]
 hospital [ɔʃpi'tal]
 casinha [ka'ziɲɐ]
 avô [a'vo]
 diretor [dirɛ'tɔɾ]
 cafezinho [kafɛ'ziɲu]
 fortíssimo [fɔɾ'tisimu]
 padeiro [pa'dejru]
 altura [al'turɐ]
 corar [ko'rar]
 avozinho [avo'siɲu]
 sara ['zara]

gola [gɔlɐ]
 fado ['fadu]
 dúvida ['duvidɐ]
 dose ['doci]
 penso ['pɛsu]
 tarde ['tardi]
 bomba ['bɔbɐ]
 vaca ['vakɐ]
 mesas ['mezɛʃ]
 cabaz [ka'baʃ]
 julho ['ʒuliu]
 dívida ['dividɐ]
 calções [kalzɔ̃jʃ]
 peso [pesu]
 metas [mɛtɛʃ]
 pomba [pɔbɐ]
 jato [ʒatu]
 tarte [tarti]
 fato [fatu]
 canções [kɔ̃'zɔ̃jʃ]
 faca ['fakɐ]
 terra ['tɛrɐ]
 carro ['karu]
 estafa [ʃ'tafɐ]
 cola ['kɔlɐ]
 velha ['vɛliɐ]
 mar ['mar]
 vaga ['vagɐ]
 sonho ['zoɲu]
 doce ['doci]
 queixo ['kejʃu]
 bela ['bɛlɐ]
 rua ['ruɐ]
 sala ['salɐ]
 tela ['tɛlɐ]
 alma ['almɐ]
 mal ['maw]
 chato [ʃ'atu]
 capaz [ka'paz]
 caro ['karu]
 junho ['ʒuɲu]
 sono ['sonu]
 vela ['vɛlɐ]
 doze ['dozi]
 queijo ['kejʒu]
 lua ['luɐ]

arma [ˈarmɐ]
estava [isˈtavɐ]

Informante VI

cabeleireiro [kɐbɨlejˈrɐjru]
cabelo [kaˈbelu]
louro [ˈlojru]
mãe [ˈmɛj]
pão [ˈpɔw]
padeiro [paˈdɛjru]
roupa [ˈrupa]
nuvem [ˈnubɛj]
leão [ˈliɐw]
selvagem [salˈbadʒɛj]
leite [ˈlɛjtɛ]
cadeira [kaˈdɛjɾɐ]
jogo [ˈdʒogʊ]
jogador [dʒogaˈdɔɾ]
fado [ˈfadu]
fadista [faˈdisti]
sozinho [suˈsiɲu]
aquecedor ↓
cedinho [siˈdiɲu]
casa [ˈkazɐ]
fogão [fuˈgɔw]
belo [ˈbɛlu]
cedo [ˈsɛdu]
forte [ˈfɔrti]
somente [suˈmɛnti]
fogo [ˈfogu]
beleza [bɨˈlɛza]
fácil [ˈfazil]
alto [ˈaltu]
café [kaˈfɛ]
facilmente [fasilˈmɛti]
só [ˈso]
hospital [ɔspiˈtal]
casinha [kaˈsiɲɐ]
avô [aˈvo]
diretor [dirɛˈtoɾ]
cafezinho [kafɛˈziɲu]
fortíssimo [foɾˈtisimu]
padeiro [paˈdɛjru]
altura [alˈtura]
corar [kuˈrar]
avozinho [avuˈziɲu]

sara [ˈzara]
gola [ˈgola]
fado [ˈfadu]
dúvida [ˈduvidɐ]
dose [ˈdozi]
penso [ˈpɛsu]
tarde [ˈtardi]
bomba [ˈbɔbɐ]
vaca [ˈvakɐ]
mesas [ˈmesɐs]
cabaz [kaˈbaʃ]
julho [ˈdʒulu]
dívida [ˈdividɐ]
calções [kalsojɫ]
peso [ˈpesu]
metas [ˈmetaʃ]
pomba [ˈpɔbɐ]
jato [ˈʒatu]
tarte [ˈtarti]
fato [ˈfatu]
canções [kɔˈsojs]
faca [ˈfakɐ]
terra [ˈtɛrɐ]
carro [ˈkaru]
estafa [iˈstafa]
cola [ˈkɔlɐ]
velha [ˈbɛliɐ]
mar [ˈmar]
vaga [ˈvagɐ]
sonho [ˈsoɲu]
doce [ˈdɔsi]
queixo [ˈkɛjʃu]
bela [ˈbɛlɐ]
rua [ˈrua]
sala [ˈsala]
tela [ˈtɛla]
alma [ˈalmɐ]
mal [ˈmaɫ]
chato [ˈʃatu]
capaz [kaˈpaʃ]
caro [ˈkaru]
junho [ˈdʒuɲu]
sono [ˈsonu]
vela [ˈbɛlɐ]
doze [ˈdozi]
queijo [ˈkɛjʒu]

lua	[ˈluɐ]
arma	[ˈarmɐ]
estava	[esˈtaba]

corar	[kɔˈrar]
avozinho	[avoˈziɲu]

sara	[ˈsarɐ]
gola	[ˈgɔlə]
fado	[ˈfadu]

Informante VII

cabeleireiro	↓
cabelo	[kaˈbelu]
louro	[ˈlɔru]
mãe	[ˈmɔj]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	[paˈdeɾu]
roupa	[ˈropɐ]
nuvem	[ˈnuvɛj]
leão	[ˈliɛw]
selvagem	[sɛɫˈvaʒɛj]
leite	[ˈlɛjtɨ]
cadeira	[kaˈdejrɐ]
jogo	[ˈʒogu]
jogador	[ʒogaˈdoɾ]
fado	[ˈfadu]
fadista	[fɛˈdiʃtɐ]
sozinho	[suˈʒiɲu]
aquecedor	↓
cedinho	[sɛˈdiɲu]
casa	[ˈkazɐ]
fogão	[foˈgɔw]
belo	[ˈbɛlu]
cedo	[ˈsedu]
forte	[ˈfoɾtɨ]
somente	[sɔˈmɛtɨ]
fogo	[ˈfɔgu]
beleza	[bɛˈlezɐ]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kɛˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛtɨ]
só	[ˈsɔ]
hospital	[ɔʃpiˈtal]
casinha	[kɛˈziɲɐ]
avô	[aˈvo]
diretor	[dirɛˈtoɾ]
cafezinho	[kafɛˈziɲu]
fortíssimo	[foɾˈtisimu]
padeiro	[pɛˈdejɾu]
altura	[alˈture]

dúvida	[ˈduvidɐ]
dose	[ˈdoʒɨ]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtardɨ]
bomba	[ˈpɔbɐ]
vaca	[ˈvakɐ]
mesas	[ˈmesɐs]
cabaz	[kɛˈbas]
julho	[ˈʒugu]
dívida	[ˈdividɐ]
calções	[kalsojs]
peso	[ˈpesu]
metas	[mɛtɐs]
pomba	[ˈbɔbɐ]
jato	[ˈzatu]
tarte	[ˈtartɨ]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɔˈsɔɲj]
faca	[ˈfakɐ]
terra	[ˈtɛrɐ]
carro	[ˈkaɾu]
estafa	[ɛˈstafɐ]
cola	[ˈkɔlə]
velha	[ˈvɛlə]
mar	[ˈmaɾ]
vaga	[ˈvagɐ]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdoʃ]
queixo	[ˈkɛjʃu]
bela	[ˈbɛlə]
rua	[ˈruɐ]
sala	[ˈsalɐ]
tela	[ˈtɛlə]
alma	[ˈalmɐ]
mal	[ˈmaɫ]
chato	[ˈʃatu]
capaz	[kɛˈpaʃ]
caro	[ˈkaɾu]
junho	[ˈʒuɲu]
sono	[ˈsonu]
vela	[ˈvɛlə]

doze	[ˈdosi]
queijo	[ˈkɛjʒu]
lua	[ˈluə]
arma	[ˈarmə]
estava	[isˈtavə]

Informante VIII

cabeleireiro	[kabiliˈrejru]
cabelo	[kaˈbelu]
louro	↓
mãe	[ˈmɔj]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	[paˈdejru]
roupa	[ˈropə]
nuvem	[ˈnuvɛj]
leão	[ˈliɛw]
selvagem	[sɛɫˈvaʒɛj]
leite	[ˈlɛjtɪ]
cadeira	[kaˈdejɾɐ]
jogo	[ˈdʒogu]
jogador	[ʒugaˈdor]
fado	[ˈfadu]
fadista	[fɛˈdiʃtɛ]
sozinho	[suˈsiɲu]
aquecedor	[akɛsɛˈdor]
cedinho	[siˈdiɲu]
casa	[ˈkasə]
fogão	[fuˈgɛw]
belo	[ˈvɛlu]
cedo	[ˈsedu]
forte	[ˈfortxi]
somente	[suˈmɛntɪ]
fogo	[ˈfɔgu]
beleza	[biˈlesa]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kaˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛntɪ]
só	[ˈsu]
hospital	[uʃpiˈtal]
casinha	[kaˈsiɲɐ]
avô	[ˈvu]
diretor	[dirɛˈtor]
cafezinho	[kafɛˈsiɲu]
fortíssimo	[furˈtisimu]
padeiro	[pɛˈdejru]

altura	[alˈture]
corar	[koˈrar]
avozinho	[avoˈsiɲu]
sara	[ˈsarə]
gola	[ˈgolə]
fado	[ˈfadu]
dúvida	[ˈduvidɐ]
dose	[ˈdoce]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtardi]
bomba	[ˈvubɐ]
vaca	[ˈvakə]
mesas	[ˈmesɐs]
cabaz	[kɛˈbaʃ]
julho	[ˈdʒuliu]
dívida	[ˈdiˈvidɐ]
calções	[kalsojs]
peso	[ˈpesu]
metas	[mɛtɛj]
pomba	[pɔbɐ]
jato	[dʒatu]
tarte	[ˈtarti]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɔˈsojs]
facã	[ˈfakɐ]
terra	[ˈtɛrɐ]
carro	[ˈkaru]
estafa	[iˈʃtafɐ]
cola	[ˈkɔlə]
velha	[ˈvɛliɐ]
mar	[ˈmar]
vaga	[ˈvaʒɐ]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdoce]
queixo	[ˈkɛjʃu]
bela	[ˈvɛlə]
rua	[ˈruɐ]
sala	[ˈsala]
tela	[ˈtɛla]
alma	[ˈalma]
mal	[ˈmaɫ]
chato	[ˈʃatu]
capaz	[kɛˈpaʃ]
caro	[ˈkaru]
junho	[ˈʒuniu]
sono	[ˈsonu]

vela	[ˈbɛlɐ]
doze	[ˈduzɐ]
queijo	[ˈkɛjʒu]
lua	[ˈluɐ]
arma	[ˈarmɐ]
estava	[sˈtavɐ]

Informante IX

cabeleireiro	↓
cabelo	↓
louro	↓
mãe	[ˈmɛj]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	[paˈdejru]
roupa	[ˈropɐs]
nuvem	↓
leão	↓
selvagem	[sɛlˈvazɛj]
leite	[ˈlɛjtɨ]
cadeira	[kaˈdejrɐ]
jogo	[ˈʒogɔ]
jogador	[ʒogaˈdor]
fado	[ˈfadu]
fadista	↓
sozinho	[soˈʒiɲu]
aquecedor	[akɛsɛˈdor]
cedinho	[sɛˈdiɲu]
casa	[ˈkasɐ]
fogão	[foˈgɔw]
belo	[ˈbɛlo]
cedo	[ˈsɛdo]
forte	[ˈfɔrtɐ]
somente	[soˈmɛntɐ]
fogo	[ˈfɔgo]
beleza	[bɛˈlezɐ]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kaˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛntɐ]
só	[ˈso]
hospital	[oʃpiˈtal]
casinha	[kaˈsiɲa]
avô	[aˈvo]
diretor	[dirɛkˈtor]
cafezinho	[kafɛˈsiɲu]
fortíssimo	[forˈtizimu]

padeiro	[paˈdejru]
altura	[alˈtura]
corar	[kuˈrar]
avozinho	[avoˈsiɲu]
sara	[ˈsara]
gola	[ˈgolɐ]
fado	[ˈfadu]
dúvida	[ˈduvidɐ]
dose	[ˈdose]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtarde]
bomba	[ˈbɔbɐ]
vaca	[ˈvaka]
mesas	[ˈmezɐs]
cabaz	[kaˈbaz]
julho	[ˈdʒuliu]
dívida	[ˈdividɐ]
calções	[kalsɔjɐs]
peso	[ˈpesu]
metas	[mɛˈtɐs]
pomba	[pɔˈmbɐ]
jato	[ˈʒatu]
tarte	[ˈtarti]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɔˈsɔjɐs]
faca	[ˈfaka]
terra	[ˈtɛra]
carro	[ˈkaru]
estafa	[sˈtafɐ]
cola	[ˈkolɐ]
velha	[ˈvɛlɐ]
mar	[ˈmar]
vaga	[ˈvaga]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdoce]
queixo	[ˈkɛjʃu]
bela	[ˈbɛla]
rua	[ˈrua]
sala	[ˈsala]
tela	[ˈtɛla]
alma	[ˈalmɐ]
mal	[ˈmaɫ]
chato	[ˈʃatu]
capaz	[kaˈpaz]
caro	[ˈkaru]
junho	[ˈdʒuɲu]

sono	[ˈsonu]
vela	[ˈvɛla]
doze	[ˈdozi]
queijo	[ˈkɛjʒu]
lua	[ˈlua]
arma	[ˈarma]
estava	[isˈtava]

Informante X

cabeleireiro	[kabilejˈrejru]
cabelo	[kaˈbelu]
louro	[ˈlojru]
mãe	[ˈmɛj]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	[paˈdejru]
roupa	[ˈropɐ]
nuvem	↓
leão	[ˈliɛw]
selvagem	[salˈvaʒɛj]
leite	[ˈlɛjtɨ]
cadeira	[kaˈdejɾɐ]
jogo	[ˈdʒogu]
jogador	[dʒugaˈdor]
fado	[ˈfadu]
fadista	↓
sozinho	[suˈziɲu]
aquecedor	[akɛsɛˈdor]
cedinho	[sɛˈdiɲu]
casa	[ˈkasɐ]
fogão	[fuˈgɛw]
belo	[ˈbɛlu]
cedo	[ˈsɛdu]
forte	[ˈfortɨ]
somente	[sɔˈmɛntɨ]
fogo	[ˈfogu]
beleza	[biˈlezɐ]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kaˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛntɨ]
só	[ˈsɔ]
hospital	[ɔʒpiˈtal]
casinha	[kɛˈziɲɐ]
avô	[aˈvo]
diretor	[dirɛˈtor]
cafezinho	[kafɛˈziɲu]

fortíssimo	[forˈtisimu]
padeiro	[paˈdejru]
altura	[alˈtura]
corar	[koˈrar]
avozinho	[avoˈsiɲu]
sara	[ˈsarɐ]
gola	[ˈgɔɛ]
fado	[ˈfadu]
dúvida	[ˈduvidɐ]
dose	[ˈdosi]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtardi]
bomba	[ˈbɔbɐ]
vaca	[ˈvake]
mesas	[ˈmesɛʃ]
cabaz	[kɛˈbas]
julho	[ˈʒuliu]
dívida	[ˈdividɐ]
calções	[kalsuɲ]
peso	[ˈpesu]
metas	[mɛtɛʃ]
pomba	[ˈpɔbɐ]
jato	[ˈʒatu]
tarte	[ˈtarti]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɛˈsuɲ]
faca	[ˈfakɐ]
terra	[ˈtɛrɐ]
carro	[ˈkaru]
estafa	[ˈtafa]
cola	[ˈkɔɛ]
velha	[ˈvɛlɐ]
mar	[ˈmar]
vaga	[ˈvage]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdosi]
queixo	[ˈkɛjʃu]
bela	[ˈbɛɛ]
rua	[ˈruɛ]
sala	[ˈsalɐ]
tela	[ˈtɛɛ]
alma	[ˈalmɐ]
mal	[ˈmaɫ]
chato	[ˈʃatu]
capaz	[kaˈpas]
caro	[ˈkaru]

junho	[ˈʒuɲu]
sono	[ˈsonu]
vela	[ˈvɛlɐ]
doze	[ˈdozi]
queijo	[ˈkejʒu]
lua	[ˈluɐ]
arma	[ˈarmɐ]
estava	[isˈtavɐ]

cafezinho	[kafɛˈziɲu]
fortíssimo	[forˈtisimu]
padeiro	[paˈdejru]
altura	[alˈtura]
corar	[koˈrar]
avozinho	[avoˈsiɲu]
sara	[ˈsara]
gola	[ˈgɔla]
fado	[ˈfado]

Informante XI

cabeleireiro	[kabajeˈleru]
cabelo	[kaˈbelu]
louro	[ˈlɔru]
mãe	[ˈmɛ]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	↓
roupa	[ˈropɐ]
nuvem	[ˈnuvɛj]
leão	↓
selvagem	[salˈvaʒɛj]
leite	[ˈlɛjtɨ]
cadeira	↓
jogo	[ˈʒɔgu]
jogador	[ʒugaˈdor]
fado	↓
fadista	↓
sozinho	↓
aquecedor	↓
cedinho	[sɛˈdiɲu]
casa	[ˈkazɐ]
fogão	[fuˈgɛw]
belo	[ˈbɛlo]
cedo	[ˈsedo]
forte	[ˈfortɨ]
somente	[soˈmɛntɨ]
fogo	[ˈfɔgo]
beleza	[beˈlezɐ]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kaˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛtɛ]
só	[ˈso]
hospital	[ospɨˈtal]
casinha	[kaˈziɲɐ]
avô	[aˈvo]
diretor	[dirɛˈtor]

dúvida	[ˈduvida]
dose	[ˈdoze]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtarde]
bomba	[ˈbɔba]
vaca	[ˈvaka]
mesas	[ˈmezɐ]
cabaz	[kaˈbɐz]
julho	[ˈʒuliu]
dívida	[ˈdivida]
calções	[kalsɔˈwɔ]
peso	[ˈpezu]
metas	[mɛˈtɐ]
pomba	[ˈpɔba]
jato	[ˈʒatu]
tarte	[ˈtɐrtɨ]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɔˈsɔwɔ]
faca	[ˈfaka]
terra	[ˈtɛra]
carro	[ˈkaru]
estafa	[ˈtafa]
cola	[ˈkola]
velha	[ˈvɛliɐ]
mar	[ˈmar]
vaga	[ˈvaga]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdoce]
queixo	[ˈkejʃu]
bela	[ˈbɛla]
rua	[ˈrua]
sala	[ˈsala]
tela	[ˈtɛla]
alma	[ˈalma]
mal	[ˈma]
chato	[ˈʃatu]
capaz	[kaˈpɐz]

caro	[ˈkaru]
junho	[ˈʒunu]
sono	[ˈsono]
vela	[ˈvɛla]
doze	[ˈdozi]
queijo	[ˈkejʒu]
lua	[ˈlua]
arma	[ˈarma]
estava	[ˈtava]

Informante XII

cabeleireiro	[kabeleˈrejru]
cabelo	[kaˈbelu]
louro	[ˈlojɾɐ]
mãe	[ˈmɛj]
pão	[ˈpɔw]
padeiro	[paˈdejru]
roupa	[ˈropa]
nuvem	[ˈnuvɛj]
leão	[ˈliɐw]
selvagem	↓
leite	[ˈlɛjtɨ]
cadeira	[kaˈdejɾɐ]
jogo	[ˈʒogu]
jogador	[ʒugaˈdor]
fado	[ˈfadu]
fadista	↓
sozinho	[suˈsiɲu]
aquecedor	[akɛsɛˈdor]
cedinho	[sɛˈdiɲu]
casa	[ˈkasɐ]
fogão	[fuˈgɐw]
belo	[ˈvɛlu]
cedo	[ˈsedu]
forte	[ˈfortɨ]
somente	[soˈmɛntɨ]
fogo	[ˈfogu]
beleza	[vɛˈlesɐ]
fácil	[ˈfasil]
alto	[ˈaltu]
café	[kaˈfɛ]
facilmente	[fasilˈmɛntɨ]
só	[ˈsɔ]
hospital	[ɔʒpiˈtal]
casinha	[kaˈziɲɐ]
avô	[aˈvɔ]

diretor	[dirɛˈtor]
cafezinho	[kafɛˈsiɲu]
fortíssimo	[fɔrˈtisimu]
padeiro	[paˈdejru]
altura	[alˈtura]
corar	[kuˈrar]
avozinho	[avoˈsiɲu]
sara	[ˈsarɐ]
gola	[ˈgolɐ]
fado	[ˈfadu]
dúvida	[ˈduvidɐ]
dose	[ˈdoci]
penso	[ˈpɛsu]
tarde	[ˈtardi]
bomba	[ˈbɔbɐ]
vaca	[ˈvaka]
mesas	[ˈmesas]
cabaz	[kɛˈvas]
julho	[ˈʒuliu]
dívida	[ˈdivida]
calções	[kalsɔj]
peso	[ˈpesu]
metas	[mɛtɛj]
pomba	[ˈpɔba]
jato	[ˈatu]
tarte	[ˈtarti]
fato	[ˈfatu]
canções	[kɔˈsɔj]
facas	[ˈfakɐ]
terra	[ˈtɛrɐ]
carro	[ˈkaru]
estafa	[ˈtafa]
cola	[ˈkola]
velha	[ˈvɛliɐ]
mar	[ˈmar]
vaga	[ˈvaga]
sonho	[ˈsoɲu]
doce	[ˈdoci]
queixo	[ˈkejʃu]
bela	[ˈvɛla]
rua	[ˈruɐ]
sala	[ˈsala]
tela	[ˈtɛla]
alma	[ˈalma]
mal	[ˈmaɫ]
chato	[ˈʃatu]

capaz [ka'pas]
caro ['karu]
junho ['ʒuɲu]
sono ['sonu]
vela [vɛla]

doze ['dozi]
queijo ['kejʒu]
lua ['lua]
arma ['arma]
estava [s'tavɐ]

Anexo II

Tabelas com os valores dos resultados obtidos na análise

Perfil dos informantes (gráfico 1)

Sexo feminino	67%
Sexo masculino	33%

Total de desvios, acertos e vocábulos não obtidos do corpus (gráfico 2)

Desvios	514
Acertos	549
Palavras não realizadas	29

Ocorrências divergentes com e sem desvio nas vogais tônicas e átonas (gráfico 3)

Ocorrências desviantes sem desvios nas vogais	80
Ocorrências desviantes com desvio nas vogais	434

Acertos e desvios organizados consoante o NP dos informantes (gráfico 4)

	A1/A2
Desvios	153
Acertos	194

	B1
Desvios	161
Acertos	199

	B2
Desvios	120
Acertos	236

Desvios e acertos na vogal em posição tónica (gráfico 5)

Desvio na vogal tónica	127
Sem desvio na vogal tónica	936
Não realizadas	29

Divisão dos desvios nas vogais em posição tónica pelos sete segmentos vocálicos (gráfico 6)

/i/	0
/u/	0
/a/	27%
/e/	39%
/o/	13%
/ɛ/	2%
/ɔ/	26%

Análise das ocorrências desviantes no segmento /e/ (gráfico 7)

Ausência de aplicação da regra fonológica que recai sobre o segmento /e/	44
Comutação da vogal média [e] pela vogal baixa [ɛ]	5

Acertos e desvios na regra fonológica de recuo que recai sobre o segmento /e/ seguido da semivogal /j/ (gráfico 8)

Acertos	34
Desvios	44

Acertos e desvios na comutação do segmento /e/ por /ɛ/ (gráfico 9)

Comutação do segmento /e/ por /ɛ/	5
Acertos	90

Ocorrências convergentes e divergentes no segmento /a/ em posição tónica - gráfico 10

Desvios	5
Acertos	90

Desvios e acertos na produção oral do segmento /ɔ/ - gráfico 11

Desvios	26
Acertos	34

Ocorrências divergentes e convergentes no segmento /o/ - gráfico 12

Comutação do segmento segmento /o/ por /ɔ/	11
Comutação do segmento /o/ por /u/	3
Outros	2
Acertos	169

Desvios e acertos nas vogais átonas em posição pré-tônica - gráfico 13

Desvios	173
Acertos	189
Palavras que os informantes não conseguiram realizar	22

Desvios e acertos em função do NP - gráfico 14

A1/A2

Desvios	52
Acertos	63
Não realizadas	13

B1

Desvios	65
Acertos	60
Não realizadas	3

B2

Desvios	56
Acertos	66
Não realizadas	8

Aplicação das regras gerais nos segmentos átonos em posição pré-tônica - gráfico 15

Desvios	141
Acertos	83
Não realizadas	16

Aplicação das regras gerais do vocalismo átono em posição pré-tônica por segmento fonético
- Gráfico 16

	[i]
Desvios	0
Acertos	36
Não realizadas	0

	[ĩ]
Desvios	25
Acertos	60
Não realizadas	6

	[e]
Desvios	110
Acertos	12
Não realizadas	10

	[u]
Desvios	6
Acertos	6
Não realizadas	0

Gráfico 27 – Segmento /e/ e /E/ em posição pré-tónica

comutação pelo som *[e]	17
comutação pelo som *[ɛ]	8

Gráfico 28 – Segmento /e/, que realiza o som [a] em posição pré-tónica

Não aplicação da regra geral do vocalismo tónico	99
Não aplicação da regra de recuo sobre o segmento /e/	10
Omissão do som	1

Gráfico 29 – Desvios e acertos nas exeções à aplicação de regras de elevação e recuo

Desvios	22
Acertos	105
Não realizadas	5

Gráfico 30 - Desvios e acertos na produção oral das vogais pós-tónicas não finais

Desvios	22
Acertos	47
Não realização da palavra	3
Omissão do som	1

Gráfico 31 – Tipo de desvios nas vogais átonas pós-tônicas não finais

Não aplicação da regra geral do vocalismo átono	18
Não aplicação do processo pós-lexical de dissimilação	4

Desvios e acertos na produção oral das vogais átonas finais (gráfico 23)

Desvios	124
Acertos	708
Vocábulos que os informantes não conseguiram realizar	20

Desvios e acertos nas vogais átonas finais, por vogal (gráfico 24)

	[u]
Desvios	15
Acertos	381

	[ə]
Desvios	85
Acertos	263

	[i]
Desvios	24
Acertos	84